



Coleção
Literatura de Circunstância
Volume I

PANDEMIAS:

cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva

POESIAS | MINICONTOS | CRÔNICAS

Fábio Almeida de Carvalho
Roberto Mibielli
Edgar Borges

ORGANIZADORES



Coleção
Literatura de Circunstância
Vol. 1

**Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos
e consequências sobre a vida humana:
dimensões múltiplas de uma temerária e
inquietante experiência coletiva**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Fábio Almeida de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda

Anderson dos Santos Paiva

Bianca Jorge Sequeira Costa

Fabio Luiz de Arruda Herrig

Georgia Patrícia Ferko da Silva

Guido Nunes Lopes

José Ivanildo de Lima

José Manuel Flores Lopes

Luiza Câmara Beserra Neta

Núbia Abrantes Gomes

Rafael Assumpção Rocha

Rickson Rios Figueira

Rileuda de Sena Rebouças



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE

Coleção
Literatura de Circunstância
Vol. 1

**Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos
e consequências sobre a vida humana:
dimensões múltiplas de uma temerária e
inquietante experiência coletiva**

Fábio Almeida de Carvalho
Roberto Mibielli
Edgar Borges
Organizadores


EDITORA
UFRR
EDUFRR
Boa Vista - RR
2020

Copyright © 2020
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico e Capa

Camila Valentina Apiscope Perez
George Brendom Pereira dos Santos

Imagens da Capa e do livro

Devair Fiorotti

Diagramação

George Brendom Pereira dos Santos
Tatiane Rodrigues da Silva

Revisão Técnica

Sheila Praxedes Pereira Campos
Daniele da Silva Trindade
Anna Paula Ferreira da Silva

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

P189 Pandemias : cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana : dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva / Fábio Almeida de Carvalho; Roberto Mibielli; Edgar Borges, Organizadores. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2020.
109 p. (Coleção Literatura de Circunstância; v. 1).

ISBN: 978-65-86062-52-6

Livro eletrônico

Modo de acesso: www.ufr.br/editora/

1 - Pandemias. 2 - Contos. 3 - Minicontos. 4 - Crônicas. I - Título. II - Carvalho, Fábio Almeida de. III - Mibielli, Roberto. IV - Borges, Edgar. V - Série.

CDU - 82.01(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	10
Sonyellen F. F. Fiorotti	
APRESENTAÇÃO	19
Fábio Almeida de Carvalho	
Roberto Mibielli	
Edgar Borges	
POESIAS	
EM CASA	24
Christina Bielinski Ramalho, Aracaju-SE	
[TEM FUGIDO O OUVIDO]	26
Felipe Thiago Cordeiro da Rocha, Boa Vista-RR	
SENTIMENTO DO FIM DO MUNDO / CASA-MUNDO	28
Monique Lima de Oliveira, Rio de Janeiro-RJ	
MUTANTES	30
Cezar Augusto Rufino de Santa Ana, Rio das Ostras-RJ	
SENTIDO	32
Leocádia Soares de Oliveira Castro, Boa Vista-RR	
14 DE ABRIL	34
Ítalo de Melo Ramalho, Aracaju-SE	
TROMBETAS	35
Claudemir Carlos Almeida, Tauá-CE	
PANDEMIA	37
Germano Viana Xavier, Caruaru-PE	

CICLOS	38
Breno Bueno Bastos, Amparo-SP	
VEIO UM VÍRUS	39
Josiclei de Souza Santos, Marabá-PA	
O FAUSTO MODERNO	40
David Ehrlich, Curitiba-PR	
MAR ECUMÊNICO	47
Tiago Rafael dos Santos Alves, Adamantina-SP	
DISTANCIAMENTO SOCIOAMOROSO	48
Isabel Maria Fonseca, Boa Vista-RR	
REALIDADE	49
Terezinha De Jesus da Silva, São João Del-Rei-MG	
23:59	51
Leonardo Henrique Santos Araújo, Boa Vista-RR	
 MINICONTOS	
ENAMORADOS	54
Rodrigo Soares Duhau, Brasília-DF	
POBRE DO ZÉ	55
Francisco Gabriel Ribeiro, Natal-RN	
PROTEÇÃO	56
Thaís Helena Carneiro Barros Aguiar, Recife-PE	
EPIFANIA	57
Estevan de Menezes Palma, São Paulo-SP	

NORMALIDADE	58
Estevan de Menezes Palma, São Paulo-SP	
DISCURSO DE MÃE	59
Maira Bastos dos Santos, São Paulo-SP	
DORMINDO COM O INIMIGO	60
Fernando Machado dos Santos, 15 anos, São Paulo-SP	
À ESPERA	61
Alex Alexandre da Rosa, Jundiaí-SP	
CONTAMINAÇÃO	62
Gabriel de Souza Alencar, Boa Vista-RR	
RETRATO DO ARTISTA QUANDO VELHO	63
Lasana Lukata, São João de Meriti-RJ	
RETRATO DE FAMÍLIA	64
Leticia Galan Garducci, São Paulo-SP	
CÂMBIOS	65
Laércio Meirelles, Torres-RS	
OS POMBOS VOARAM	66
Thiago Luz, Rio de Janeiro-RJ	
INSEPARÁVEIS	67
Francisco Carlos Rocha Fernandes, São José dos Campos-SP	
AS MÃOS	68
Brunno Vianna de Andrade, Rio de Janeiro-RJ	

CRÔNICAS

HOJE O CORONAVÍRUS CHEGOU A SALVADOR. DE TARDE, FUI À FEIRA	70
Lorena Grisi, Salvador-BA	
A REDE E O VENTO	72
Elysmeyre da Silva de Oliveira Pessôa, Porto Velho-RO	
CRÔNICA II	74
Victor Alcantara da Silva, Nilópolis-RJ	
VINHO E PANDEMIA	77
Marilena Barbosa de Freitas, Boa Vista-RR	
DOS MALES, OS MARES	78
Raissa Gouveia de Melo Efrem, Recife-PE	
O PÃO DE JACARÉ	80
Tássia Hallais Veríssimo, Rio de Janeiro-RJ	
BEIJOS VIRTUAIS	82
Aldenor da Silva Pimentel, Boa Vista-RR	
[SETE. ESTE É O NÚMERO QUE REPRESENTA...]	83
Evelyse Michelle Magalhães Fraga, Mambuí-MG	
SOBRE PERDER ALGUÉM DURANTE O ISOLAMENTO: O VELÓRIO VIRTUAL DO MEU AVÔ	88
Leticia Galan Garducci, São Paulo-SP	
NADA SERÁ COMO ANTES	90
Andressa Barichello, Lisboa-Portugal	

QUARENTENA	93
Francisco Carlos Rocha Fernandes, São José dos Campos-SP	
PANDEMIA LONGE DE CASA	96
Vanessa Augusta do Nascimento Brandão e Costa, Lódz-Polônia	
ENTRE MÁSCARAS	98
Tássia Hallais Veríssimo, Rio de Janeiro-RJ	
O PRESENTE NA QUARENTENA.....	100
Clayton Leite de Moura, João Pessoa-PB	
23H59	102
Aline Gonçalves de Souza, Belo Horizonte-MG	

CANOA FÚNEBRE

César Augusto Jaramillo Gallego, Boa Vista-RR

A Devair Fiorotti

*Uma canoa vai solitária sem remos,
levada pela correnteza do rio Branco,
partiu na noite do dezanove de março;
ela leva o corpo morto de um grande mestre,
cujo coração era tão grande que não cabia em seu peito.*

!Devair Fiorotti! murmura o rio,

!Devair Fiorotti! cantam os pássaros;

enquanto os peixes com escamas de prata

acompanham em procissão fúnebre

a canoa mortuária da sua última viagem.

*Quão desolado se sente esta paragem Roraimense,
já ninguém transcreverá o Pantan Pia dos Macuxí desmemoriados;*

nem o sol da Amazônia coberto de nuvens

quer ver seu rosto com os olhos fechados.

!Devair Fiorotti! murmura o rio,

!Devair Fiorotti! cantam os pássaros;

enquanto a corrente do branco rio leva

ao mar imperturbável da eternidade,

sua canoa fúnebre cheia de lembranças e presságios.

AGRADECIMENTOS

Os Organizadores dos volumes 1 e 2 da **Coleção Literatura de Circunstância**, que reúne contos, crônicas, poemas e micro-contos, unidos pela afinidade temática *Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequência sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva* agradecem sinceramente à boa vontade, disponibilidade, presteza, seriedade e competência com que as bancas de seleção e correção trabalharam para o êxito dessa empreitada editorial que ora se concretiza:

Seleção: Cátia Monteiro Wankler, Francisco Alves, Rosidelma Fraga, Verônica Prudente, Sony Ferseck, Sheila Praxedes, Roberto Mibielli, Edgar Borges, Fábio Carvalho;

Revisão: Sheila Praxedes, Danielle Trindade, Anna Paula Santos.

Sem a disposição e o trabalho árduo, rápido e eficiente, além de totalmente voluntarioso, de cada uma dessas amáveis e inteligentes pessoas – muito comprometidas com a disseminação da literatura como campo artístico e como esfera específica do conhecimento humana – em especial da professora Sheila Praxedes, que atuou nas duas etapas e liderou a segunda –, não teria sido possível realizar tão belo trabalho em tão curto tempo.

Agradecemos também ao empenho do servidor George Brendom, que teima em contrariar a mítica nefasta e injuriosa que mancha a imagem do funcionário público, trabalhando por dois ou mais; ao Vice-Reitor da UFRR, professor Silvestre Lopes de Nóbrega, pela disponibilização dos recursos daquele setor da UFRR para a impressão do presente volume.

Agradecemos ainda aos que vivendo o sonho da literatura, em suas mais diversas manifestações, se empenharam em colaborar, enviando-nos sua produção, ainda que, desta vez, não selecionada, o nosso muito obrigado.

Vocês muitos nos honraram e orgulharam com sua participação!

A todos vocês, nossos mais sinceros e reconhecidos agradecimentos.

Os organizadores

DEDICATÓRIA “DEVAIR FIOROTTI”

O Prêmio Devair Fiorotti de Literatura é uma iniciativa da Editora da Universidade Federal de Roraima, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR e do Coletivo Caimbé de Autores de Roraima, que pretende homenagear o poeta, escritor, pesquisador, etnógrafo, fotógrafo, pintor, professor Dr. Devair Fiorotti, entre outras coisas, cuja perda recente, precoce e abrupta, em um 19 de março sombrio de um 2020 mais sombrio ainda, comoveu o meio artístico e acadêmico de Roraima, bem como o de outras paragens nas quais ele era conhecido, apreciado e bem quisto. Para apresentá-lo, convidamos sua esposa, a poeta Sony Ferseck, também (como ele) membro do coletivo Máfia do Verso, que escreveu o texto que se segue:

Há sempre algo de quem ama que permanece em nós ainda que em face da ausência e Devair Fiorotti era uma dessas pessoas. Ele era alguém que, depois de tudo e antes de mais nada, que amava e por isso se demora. Amava muito, tanto, a ponto de, quase em igualdade de potência com o próprio amor, transformar-se em igual força da natureza e de trabalho. Se não fosse o amor, a exemplo de muitos e muitos brasileiros vítimas da terrível desigualdade social em que esse país está mergulhado, não tivesse enfrentado os rigores da vida na roça, na qual o pai, sempre meeiro, não tinha outra alternativa a não ser começar a levar para exaustivas horas de lida nas terras de Itarana, interior do Espírito Santo, um Devair de pouco mais de oito anos de idade. Quando não, de levar montões de pó de serragem em um carrinho puxado a braço para que a mãe pudesse alimentar o fogo com que prepararia as refeições para a família. O grande esforço físico que o menino Devair empregava nas atividades a ele reservadas acabaram lhe custando uma febre reumática e, talvez, pensando mais demoradamente sobre isso hoje, as lesões nos joelhos que tanto rendiam reclamações quando já homem feito caminhava pelos lavrados roraimenses.

Mas o afeto profundo que os avós lhe dedicavam entre os pomares e xingamentos em italiano, raiz cultural que funda aquela comunidade no sudeste, o faziam seguir adiante, ainda que todos estranhassem quando o menino se perdia nos desenhos que fazia em carvão para

cumprir as tarefas escolares. Foi também a força do afeto com que fez, desta feita ele mesmo, estranhar os olhares de esguelha e comentários à boca torta dirigidos a sua mãe preta, Dona Cota, que à época era a única negra da região. Ele não entendia o porquê daquilo se ela com a força de seus benzimentos e rezas só sabia curar e pedir, já na adolescência, “*Sorta os cabelo, fio. Sorta os cabelo*” e prometeu desde então que jamais ninguém voltaria a discriminar nada nem ninguém na sua frente. Pude comprovar isso quando, num dia qualquer em um supermercado, um homem afrontava outro, venezuelano, em uma briga de estacionamento que descambou para a xenofobia ou quando em uma batida policial violenta em frente do seu chalé em Pacaraima chamou a atenção dos policiais e pediu que fizessem a abordagem corretamente.

De fato, para o amor não há explicação, já para o ódio sim, e daí aprendeu o significado da palavra discriminação, em particular a racial. Assim, buscou mudar a realidade que o cercava e que lhe deixou a infância pelo meio. Sabia que só conseguiria através da educação e, ainda que tivesse terminado o ensino médio, continuava ligado às atividades da escola local, na qual idealizou a primeira feira de ciências em que foram apresentadas desde objetos que transformaram-se em relíquias pela antiguidade que tinham aos povos indígenas, expulsos e extintos da região.

Mas a terra era pouca e o trabalho muito, e, portanto, continuou alternando seus turnos de trabalho na roça e uma banda de rock em que era baixista até o dia em que recebeu a notícia de que havia passado no vestibular da UNB para o curso de Letras, então subiu na boleia de algum caminhão e rumou à Brasília, enfrentando toda sorte de adversidades a que estão sujeitos mesmo hoje aqueles que enveredam pela vida universitária no país. Soube então ele dos gregos, de Shakespeare e de Manoel de Barros, dentre tantas outras coisas que parecia magistralmente tão bem conhecer. De lá só saiu doutor em Teoria da Literatura no ano de 2006 e, nos agradecimentos que fez em sua tese, deixou claro aquela que seria a tônica de toda sua trajetória profissional: “*Principalmente, agradeço à existência do ensino público no Brasil: aos Josés, Marias, Pedros, Joanas etc. que apesar de nem saberem da minha existência, pagaram muito caro pelos meus estudos durante toda vida.*”

Foi assim que, consciente do poder transformador da educação pública, pois ele próprio era prova de como a mudança pode romper com todo um ciclo de violências as mais diversas que nem se pode

imaginar, Devair chega ao extremo norte ainda em 2006, aprovado no concurso público da recém-criada Universidade Estadual de Roraima. A ideia de contribuir para com o ensino público superior nas mais distantes áreas dos centros urbanos, e por isso mesmo mais vulneráveis socialmente, o atraía enormemente e nem admitia que a educação não tivesse outra finalidade que não essa, que não democratizar o ensino público de qualidade às mais diversas parcelas da sociedade. Contudo, uma pergunta lançada por uma antiga professora e orientadora reboava em sua cabeça: “*Você já pensou no que pode não encontrar lá?*”. Assim, com sua capacidade invulgar de perceber os outros, se deu conta de que talvez ali não precisasse apenas ensinar aos alunos em sala de aula, mas também ele devia aprender a ouvir o que eles tinham para dizer.

De tal forma que idealizou, organizou e realizou com ajuda da comunidade acadêmica seis edições do Yamix (2008-2013), evento que reunia arte, cultura e ensino. Nas suas últimas duas edições chegou a comportar mais de 200 artistas brasileiros, venezuelanos e guianenses que se revezam no palco erguido em Pacaraima com apresentações que iam de orquestras sinfônicas a grupos de dança afroreligiosa. O Yamix corporificava a crença de Devair que o conhecimento não era um artigo de luxo ao qual a população não pudesse ter acesso. O conhecimento é direito inerente ao homem por mais que mesmo hodiernamente se pense exatamente o oposto. Também idealizou e coordenou o Projeto de Letramento Guariba, que atuou de 2011 a 2017 em Pacaraima.

O município de Pacaraima, que ainda hoje sofre com inúmeras questões relativas à sua vulnerabilidade social, em razão do garimpo, do constante movimento migratório entre Brasil e Venezuela e dos conflitos causados pelas disputas de terras entre não-índios e índios, ainda hoje possui índices educacionais deficitários, nitidamente reflexo dessa complexa realidade. Prova disso que nos anos de vigência do projeto foram atendidos mais de 500 alunos que eram encaminhados pelas escolas por apresentarem dificuldades de leitura e escrita. O projeto voltava-se para crianças a partir da antiga 5ª série, pois era justamente a partir dela que as relações entre leitura e escrita passavam a se complexificar. Em *O Canto do Guariba* (2018), livro que reúne as experiências vivenciadas pelos acadêmicos enquanto agentes atuantes dentro do processo de letramento junto às crianças atendidas, Devair declara na introdução “*Nunca encontrei criança problema*”, e pessoalmente ele sempre dizia “*Encontrei família problema, comunidade problema, sociedade*

problema”. E era mesmo. De certa forma, o sucesso do projeto deveu-se em boa medida ao afeto trocado entre ele, alunos bolsistas e crianças atendidas. Isso ficava patente nas festinhas de final de ano quando ele, os alunos bolsistas e a comunidade em geral buscavam apadrinhar crianças do projeto dando presentes que eram distribuídos por um Devair munido de gorro de Papai Noel seguidos de um enorme, longo e terno abraço que só ele sabia dar. Como acrescentou nas outras informações relevantes em seu currículo Lattes: “*A vida tem de ser melhor pra todos. Luto por isso*”.

Também nasceram os projetos de pesquisa que ouviam os garimpeiros e os índios, populações à margem da margem não só da sociedade como dos estudos literários. Surgem os projetos aprovados pelo CNPq: *Do carvão ao diamante* (2009-2015) e *Registro e Narrativa Oral Indígena: Registro e análise na Terra Indígena Raposa Serra do Sol* (2010-2014). Este desdobrou-se no *Panton Pia'* (2007-2020), que em língua macuxi quer dizer “perto da história”, “junto da história”, e que buscava explorar a poética oral dos povos indígenas do Circum-Roraima. Este talvez tenha sido o seu mais retumbante trabalho em face à sociedade roraimense e à acadêmica. Desde a visita do naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg, entre os anos de 1911 e 1913, não se tinha a organização, compilação e conseguinte configuração das artes verbais indígenas como a realizada dentro do projeto *Panton Pia'* e, em especial, percebida pelo viés dos estudos literários. Mas não se pense que o projeto que seguia as etapas propostas pela História Oral deu voz aos mais de 42 indígenas entrevistados. O projeto não partia desse princípio, mas do princípio de que, mais do que voz, os indígenas tinham o canto, tinham o grito de resistência há mais de 500 anos e tinham muito para ensinar sobre outras formas de viver distantes da predação consumista e consumidora que a cultura não-indígena ainda quer empurrar goela abaixo de todos. Ele sempre teve em seu cerne que não só é possível andar lado a lado, em igualdade de forças, como não há outra alternativa caso não queiramos correr desenfreadamente rumo à nossa própria extinção.

Arrisco-me a dizer que o contato com os povos indígenas foi o ponto de virada na vida de Devair. Dele resultaram suas obras *Urihi – nossa terra, nossa floresta* (2017), ilustrado pelo artista plástico macuxi Jaider Esbell, que versa sobre a trajetória de um jovem yanomami sequestrado de seu povo, cuja família dizimada pela gripe é escravizado

por um não-índio para trabalhar na atividade que ajudou a extinguir sua comunidade, o garimpo. Também resultaram na obra monumental *Panton Pia' – Eremukon do Circum-Roraima* (2018), publicado pelo Museu do Índio com apoio da Unesco, que reúne cantos de Terêncio Luiz e Zenita Silva, além de traduzi-los e transcrevê-los em partituras, também apresentando fotograficamente o presente e futuro dos povos indígenas que, diferentemente do que se pensava, não estavam nem estão fadados ao desaparecimento e têm nomes e rostos como apresentados na seção Macuxi Vivo. Outras três obras também foram vertidas para o papel em edições bilíngues nas suas respectivas línguas indígenas (taurepang e macuxi): *Panton Pia' – a história do menino Timbó* (2019), ilustrado por Mário Flores, indígena taurepang, filho do narrador Clemente Flores, *Cantos e Encantos – Meriná Eremu* (2019) e *Panton Pia' – a história de Makunaima* (2020). Foi também dentro do *Panton Pia'* que foi desenvolvido o trabalho “Do parixara ao areruía”, de Jucicleide Mendonça Santos, orientada por Devair, e que venceu o prêmio Dirce Côrtes Riedel de melhor dissertação, dado pela Associação Brasileira de Literatura Comparada no ano de 2019. Além disso, outras tantas dissertações, artigos, palestras, simpósios desenvolvidos tendo como ponto fulcral as artes verbais ameríndias.

Ainda me pergunto se havia alguma coisa que Devair não soubesse fazer muito bem e com excelência. Nem só à pesquisa e à docência dedicou-se com afinco, mas à poesia, à música, às artes visuais com particular paixão pela fotografia. Brinco sempre que só não pode dedicar-se à dança porque os joelhos não permitiam, embora passasse longas horas assistindo a vídeos de Mikhail Baryshnikov que não raro o levava às lágrimas, assim como as más notícias nos jornais ou a fome dos migrantes nas ruas. Ele era assim. Alguém que sentia muito e que não passava nunca indiferente ao sentir do outro também. Sabia do ódio e da solidão dos homens. E foi assim que desaguou em *30 poemas e solidão* (2012) a barra de viver num mundo cada vez menos amoroso. Mas ele ainda era alguém que amava. Desse jeito sabia que talvez colocasse em risco sua produção quando publicasse um livro batizado de *Livro dos Amores* (2014), ainda mais em tempos que o amor, menos que abstrato, acabou tornando-se pura pieguice. Não só publicou como ilustrou com desenhos de próprio punho, e por cima, transformou-se em grande amigo do dono da editora (Patuá), Eduardo Lacerda. Ainda hoje faz um tremendo sucesso com o público, mais ainda o jovem e

o feminino para meus breves ciúmes. Também publicou, pela Máfia do Verso, da qual foi um dos mafiosos cúmplices fundadores (junto comigo, sempre!), *Paiol* (2015), no qual reuniu sentimentos de si e de ser, num jogo de guarda e esconde que o título muito bem ilustra já que num paiol guarda-se para preservar, mas também esconde-se o que talvez não se queira que ninguém saiba da existência.

Só o amor por tudo e por todos o fazia ter um olhar tão singular. Disso ninguém me demove e as fotografias são provas cabais disso, que resultaram em duas exposições: *Cronos* (2013) e *Meu Roraima* (2020). A primeira dedicada à degradação do meio ambiente causada pela ação humana, cada vez mais pouco reversível com o passar do tempo. A segunda, ao modo como via o estado que passou a ser tão dele como o era o Espírito Santo, sua cidade natal. Ele sempre me atalhava em meio à estrada para Pacaraima ou no meio de algum igarapé “*Você não está vendo o que acontece ao seu redor?*” e explicava longa e divertidamente como mais do que as paisagens naturais ele via a luz que rebrilhava em tudo que o sol de nosso estado alcança. Queria compartilhar o sentimento de pertencimento e assim tornou Roraima de todos quando escolheu o título que inevitavelmente passava a pertencer a quem o lia. Foram milhares de fotos assim tiradas e para escolher as que comporiam a exposição lhe renderam noites de angústia e insônia não só causadas pela indecisão ou dúvida, mas pelo sofrimento intenso que lhe causou saber de tudo aquilo que o estado poderia ser e não era pelos incessantes assaltos à democracia e mais recentemente pelos retrocesso provocados pelos resultados da eleição de 2018 que o atacavam diretamente não só no que acreditava como professor e cidadão, mas no que indivisivelmente era como humano.

E foi assim, irremediavelmente humano, irremediavelmente amor, que o conheci. Seu sobrenome me fez estremecer até os ossos durante um bom tempo em que alguém o proclamava. Ele era o professor exigente que todos temiam ter em suas bancas. Mas quando o acompanhava pelas redes sociais vi que não era bem aquilo. Fiquei sabendo que seu sobrenome livremente traduzido do italiano poderia significar “florzinha, pequena flor” ou “riozinho, pequeno rio”, possibilidade plausível em um dos poemas dele que mais gosto: “*Meu ódio é de ter sido pasto, quando poderia ter sido flor/ De ter sido merda, quando poderia desabrochar/ De ter sido água que não corre pro mar/ Que morre logo ali,/ em lago minguado*”. Mas quando passei a conviver com ele, de fato, soube que tanto me faziam nomes e sobrenomes.

Nos fomos possíveis onde achávamos que já não havia mais lugar ou esperança para o amor e, de repente, intempestivamente nos fomos, ou melhor, o amor nos foi, ou melhor ainda o amor nos fez. Sem nomes, títulos ou nada que os valesse. E desde lá não fomos mais nem eu, nem tu, nem nós, nem tínhamos nome, apenas éramos, desbatismo próprio que o amor nos impõe. Fomos alguma coisa para além do gesto e da palavra, espaço-língua que o amor muito bem domina. Para mim, ele continuará a ser aquele que possui a gratidão dos passarinhos. Pude constatar isso quando um dia, depois de parar para revelar as fotos que havia feito mais cedo na estrada, uma revoada deles tomou formato de coração. Ela é uma das que compõem a exposição *Meu Roraima*. Foi ele quem ensinou a imensidão e o azul do céu pelo voo e canto dos pássaros. Ele também sabia a linguagem das flores e plantas quando ninguém mais sabe ou não quer saber sobre a própria linguagem humana.

Há sempre algo de quem ama que permanece em nós ainda que em face da ausência. E assim Devair vai durando em todos a quem tocou com sua sensibilidade, responsabilidade, sinceridade, senso de justiça e sobretudo amor. Em mim, seu amor me deixou vários outros amores, dentre eles nossa forma subversiva da língua portuguesa transformada em carne: Amora. Sigo, seguimos, ainda que assustados, combalidos e mais desbotados neste e apesar deste ano apocalíptico e pandemoníaco de 2020. A faca ceifa o manjerição, mas não sem que sua lâmina saía perfumada. Assim sejamos perfume e flor. Como também ele foi.

Sonyellen F.F. Fiorotti (Sony Ferseck)
 Maio/2020

COLEÇÃO LITERATURA DE CIRCUNSTÂNCIA UMA APRESENTAÇÃO

O propósito de toda editora universitária que se preze é duplo: por um lado, e de forma quase sempre mais imediata, ela é, por excelência, o veículo que viabiliza e potencializa a publicização do conhecimento acumulado mediante o processo de estruturação e adensamento do pensamento científico e social do ambiente em que atua, mediante a produção de livros técnicos e científicos; por outro, ela tem o dever de potencializar, por meio de sua atuação, o impacto tanto da missão humanizadora, quanto da ação civilizadora, que é o cerne da existência de uma Universidade enquanto instituição de ensino superior, pesquisa e extensão.

Durante mais de uma década, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) gestou o sonho de criar uma editora para dar apoio a essa missão. Há alguns anos, esse objetivo foi concretizado e, desde então, entre altos e baixos (que acompanham a errância da vida histórica, civil, política, econômica e social do Brasil), a EdUFRR vem contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre a realidade amazônica, sobretudo no que tange à realidade de Roraima. Essa diretriz se concretizou principalmente na publicação de pesquisas derivadas da atividade docente em sua multiplicidade e da produção de trabalhos de grau – dissertações e teses.

Talvez isso explique, em alguma medida, a prevalência de publicações relacionadas à produção científica, técnica e metodológica que configura o grosso do catálogo da EdUFRR, em contraste com o muito baixo investimento na produção da vertente editorial artístico-literária. Essa, aliás, tem sido uma das reiteradas reivindicações da comunidade de pensamento local, que, distante dos grandes centros, sofre com o quase ineditismo das publicações de caráter quase sempre independente que produz.

Não obstante, diferentes aspectos (tais como o recente interesse da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - por uma maior inserção social dos programas de pós-graduação nas comunidades circundantes; a formação e a estruturação de uma massa intelectual e pensante melhor qualificada e capacitada

para a leitura crítica de textos literários em Roraima; senão também o aumento expressivo de uma tradição crítica local; além da própria verve editorial universitária – com suas pretensões à universalidade), abrem espaço para que a EdUFRR possa ampliar suas atividades e propiciar a inclusão de linhas editoriais de gêneros não científicos (drama, romance, poesia, conto, crônica, miniconto, etc.) e autores diversos (locais, brasileiros e americanos, em geral).

A presente publicação, dos volumes 1 e 2 da Coleção Literatura de Circunstância, substancia um empreendimento editorial que foi gestado com a finalidade de exatamente suprir essa lacuna na vida intelectual de Roraima. Trata-se de iniciativa concebida em regime de parceria entre a EdUFRR, o PPGL/UFRR e o Coletivo Caimbé de Autores de Roraima. Temos a expectativa de que ela se torne prenúncio sobre o futuro dessa demanda e de seu impacto na definição de políticas editoriais mais plurais e diversificadas na UFRR.

É, então, no contexto de uma Pandemia que obrigou a mulheres e homens dos quatro cantos do planeta a conviver com uma situação inédita e sem precedentes na história recente de humanidade que a Coleção Literatura de Circunstância foi concebida – para criar condições para o fortalecimento do debate artístico-intelectual sobre as Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequência sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva.

O presente volume tem por base a constatação de que, desde a antiguidade (tal como comprovam os livros bíblicos de Samuel, que tratam da praga que castigou os filisteus porque tomaram dos hebreus a arca do Senhor; e a *História da Guerra do Peloponeso*, que descreve a peste de Atenas, ocorrida em 428 a.C., narrada por Tucídides; passando pela Idade Média, que legou um texto da envergadura do *Decamerão*, de Boccaccio; até o século XX, em que a obra de Albert Camus é referência em termos de metáforas para epidemias e opressões) a literatura tem exercido importantes funções sanitárias e cognitivas sobre toda sorte de dilemas impostos pelas situações de grandes calamidade, como essa em que ora vivemos. Ao longo da história, a literatura, mediante sua capacidade de ampliar as noções de realidade profunda, verdade e beleza tem sido potente lenitivo para as dores humanas.

Os presentes volumes se inscrevem nessa tradição. Eles contêm textos que tematizam, ainda uma vez, uma situação pandêmica e seus efeitos: mudança de percepção em relação às noções de tempo, valor da vida, amizade, amor, solidariedade, etc; mas também as formas de suportar o isolamento social; os efeitos causados sobre as relações da vida doméstica, privada, da alcova, entre tantas outras situações com que deverá se deliciar o leitor que se dispuser a experienciar as condições múltiplas e tão comuns de nossa humanidade.

O selo Literatura de Circunstâncias intenta a cada semestre fazer uma chamada para publicação de um volume com um tema novo, com assunto da hora. As regras de cada uma, embora se trate de uma coleção, serão específicas para cada edição. Os dois primeiros volumes ora dados à luz homenageiam o recém-falecido professor, poeta, fotógrafo, construtor e pesquisador da UFRR: Devair Fiorotti, como notará o leitor nas páginas impressas a seguir.

Avaliamos que nossa iniciativa foi exitosa porque estimulou um grande número de autores residentes não apenas em quase todo os estados da federação brasileira, senão também em outros países, a escreverem contos, minicontos, crônicas e poemas sobre as peculiaridades do momento e as circunstância em que ora vivemos – acossados que estamos, enquanto indivíduos, e enquanto espécie, por um vírus nano-minúsculo, porém, giga-poderoso.

Os presentes volumes contém conjuntos de 15 textos cada: o vol. I – *poemas, minicontos e crônicas*; o vol. II – *contos*, que abordam literariamente, mas de perspectivas diversas, as consequências do estado de pandemia sobre a vivência humana.

Desejamos colocar à disposição do amigo, *lector in fabula*, uma experiência de leitura interessante, curiosa, esteticamente relevante e com capacidade para propiciar uma reflexão profunda sobre a riqueza e a miséria da nossa experiência humana. Esperamos que, demais, possas desfrutar da excelente companhia desses diversos escritores – a quem sinceramente agradecemos pela presteza e denodo com que atenderam a nossa chamada.

Fica a expectativa de que muitos usufruam dessa rica experiência de leitura nesses nossos tempos de longos e necessários isolamentos; e, quiçá, que ela possa nos ajudar a mitigar um pouco os dissabores

decorrentes da convivência não somente com esse vírus cruel, mas também, e talvez sobretudo, com a virulência dos que não conseguem ver nas múltiplas possibilidades da vida humana a poesia do simples existir.

Que fiquemos em casa, se pudermos!
Aproveitemos o ócio para ler um bom livro!
Em certas ocasiões, a leitura e o isolamento salvam vidas!

Fábio Almeida de Carvalho

Diretor da Editora da UFRR

Roberto Mibielli

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR

Edgar Borges

Coletivo Caimbé de Autores de Roraima



POESIAS

Em casa

CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO, ARACAJU-SE

24

*quando a indesejada das gentes
chegasse
teríamos a mesa posta
e todas as coisas
em seu lugar*

*mas gentes indesejadas
chegaram antes
e romperam
o lirismo das coisas
cavaram covas
repugnantes
cuspiram brados
ignorantes
e trataram a vida
como um baú de ossos
como destroços contaminados
sem tempo
para campos lavrados
e casas limpas*

*e a consoada foi outra
não o jejum delicado
a esperar pela última ceia
mas a fome do vírus
correndo na veia
com parte da plateia
ignorando a cruz
aplaudindo a morte
com mãos de pus*

29

*deito na folha
palavra por palavra
a geometria inútil
deste sentimento
disfarces de metáforas
símiles alegorias
nada basta ou esconde
a morte das cores
na tela destes dias*

*abraço
simbolicamente
a respiração de cada verso
e sinto o ar escasso
do meu poema
quase morrendo
porque a poesia sabe
da pneumonia dos ponteiros*

32

*um baile de máscaras
sem carnaval
desfila dor
nos supermercados
nas quitandas
nas varandas
nos hospitais
muitas faces
sem espelhos
vendo o enredo
de suas vidas
atravessando
sem fantasia
a avenida
do medo*

[tem fugido o ouvido]

FELIPE THIAGO CORDEIRO DA ROCHA, BOA VISTA-RR

*tem fugido o ouvido
e os olhos
dessa sequência de sons
que aos jornais e mundo move*

*tem respirado fundo
nariz traqueia pulmão
ao noticiar das estatísticas
pois mesmo ruim em matemática
entende de vidas*

*tantos os números
que não acreditam os olhos serem pessoas com nome
fosse alguém divulgá-los em memorial
não caberia num post
mas em letras pequenas do diário oficial
não lírico, subjetivo, eu
mas escrito a várias mãos
duzentos mil seiscentos e noventa e seis
duzentos mil seiscentos e noventa e sete
duzentos mil seiscentos e noventa e oito
duzentos mil seis...*

*tem rejeitado o tato
a todo tipo de toque
e é um tique mesmo, um TOC
ter tudo tão furtado
de sentir na derme
a morte, o aroma*

*tem respeitado com saudade
o corpo
do corpo, do afago, do contato
não virtual, distante, videoconferenciado
mas virtuoso e com vida
passível de zoom a olho nu
na nudez que só a pele convida*

*tem enraivecido também
a fala
de quem dirige fazendo
parecer favorável um propenso precipício
o falo
de quem dirige se fazendo
inefável e infindo o mostrar do prepúcio*

*não goza de liberdade
quem voa em queda livre*

*mas tem fincado raízes
o pé
que já estava no chão*

*isolado, agora planta,
sabe do seu papel vegetal
para manutenção do reino animal*

*contemplando mais o sol e o céu
conhece melhor o seu corpo
e por que do vizinho parece
tão mais verde a família:
clorofila.*

Sentimento do fim do mundo

MONIQUE LIMA DE OLIVEIRA, RIO DE JANEIRO-RJ

ao poeta Carlos Drummond de Andrade

*Tenho trinta e oito anos
e o sentimento do fim do mundo.
Estou só em uma casa
que não é minha,
minhas saudades
me chamam por vídeo.
Quero me levantar, o céu
vive, mas as pessoas parecem
mortas e saqueadas,
eu mesma, inclusive,
viciada no placebo que não sacia,
aqui, o pântano ainda canta.
Os camaradas estão dispersos.
Na luta pela paz
esquecemos que a guerra
é contra nós
pobres e flagelados,
a miséria do mundo.
Sinto-me inteira,
com todas as partes que sempre faltaram.
No entanto,
assim como o poeta,
também peço perdão.
Quando os vírus, os ácaros, os vermes passarem,
eu ficarei sozinha
desafinando a meditação
do silêncio, da folha morta, uma alucinação
que me habita
desmascarada.*

*Neste instante,
afio as palavras
para abrir o amanhecer.*

casa-mundo

*Que se passa
quando a casa
é o mundo
quando o mundo
é a casa
que se passa?*

-

*Só,
me ponho
a girar e a rodar,
dançar no ar
até ser Catavento
Outubro
de Nascimento.*

-

*E se me bate o medo e a tristeza,
canto alto e mostro o meu retrato:*

*- daqui do caracol
eu vejo o mundo
e sinto muito.
por dentro
tenho asas,
voo leve
sob mim.
lá fora,
pouso as mãos,
subo no muro,
me escalo
no profundo
de um poema
ao sem fim.*

Mutantes

CEZAR AUGUSTO RUFINO DE SANTA ANA, RIO DAS OSTRAS-R

*E o tempo trouxe o silêncio:
tecido na teia atroz da multidão,
solitário na cegueira dos olhos,
feroz no amor que proibimos.*

*No interdito da indiferença,
há muito nos abandonamos,
há muito nos silenciámos,
impregnando de vazio nossos olhares.*

*Sacralizamos o espelho,
despedaçamos as flores,
produzimos o espinho
na redoma dos grandes rinocerontes.*

*À meia-luz de infinitas leis
codificamos o abraço,
quantificamos o desejo
e reificamos nossa humanidade.*

*Mas, eis, que como rosa no asfalto,
o tempo trouxe o silêncio!
E o silêncio vedou nossos olhos,
lacrou nossas bocas.*

*E o silêncio secou as palavras,
espalhou sombras nas casas,
amarrou nossas mãos
e escondeu as chaves das portas.*

*E pela primeira vez tivemos medo!
Percebemos nos espelhos
o mesmo e solitário rinoceronte
intransponível no árido caminho.*

*E sem olhos, voz, mãos, beijos,
pálidos pelas portas trancadas
nos permitimos uma lágrima
na poeira das janelas mudas.*

*Criaturas em decomposição,
rostos desfigurados,
fugimos perplexos dos espelhos,
resgatamos nossa memória*

e reinventamos a poesia.

Sentido

LEOCÁDIA SOARES DE OLIVEIRA CASTRO, BOA VISTA-RR

*No dia em que o mundo parou
Passei a abrir as janelas
De casa pro sol penetrar;
Da alma para iluminar
A sombra que em tudo pairou.*

*No dia em que o mundo parou
Toquei com as mãos o meu rosto
E li cada linha da pele
Em braile porque não me fere
Os olhos, o ego e o vigor.*

*No dia em que o mundo parou
Eu coei um café perfumado
Com cheiro de vó e biscoito
À espera de seu neto afoito
Que, há muito, pra longe voou.*

*No dia em que o mundo parou
E o doce tornou-se amargo
Busquei desfrutar de mim mesma
Como accidental sobremesa
Que à prima mordida encantou.*

*No dia em que o mundo parou
Transpus o pesado silêncio
Com histórias nunca contadas;
Meus medos, segredos, risadas
Que outrora a rotina abafou.*

*No dia em que o mundo parou,
Como quem protesta calado,
Eu pude apurar meus sentidos:
Da boca, nariz e ouvidos,
Das mãos para ao outro estender,
Dos olhos pra nunca esquecer
Aquilo que o mundo mostrou
No dia em que ele acordou.*

14 de abril

ÍTALO DE MELO RAMALHO, ARACAJU-SE

*último teste para covid-19
confirma:
bailarino sergipano
testa falso positivo*

*tarde:
artista morre
apedrejado
com uma maçã
enfiada na boca
bondade no cu*

Trombetas

CLAUDEMIR CARLOS ALMEIDA, TAUÁ-CE

“Chuva no primeiro de maio é sinal de um bom inverno ano que vem”

Ao ouvir tal devaneio...

[Transcendi]

*Como alimentar uma es-pança calorosa
em um ano que abre portais que anuncia a morte em trombetas
esverdeadas?*

Que a empatia perde pro egoísmo

A maldade floresce na janela

sobe no prédio

e contamina a cidade

A fome programada bate na porta

aumentando filas de corpos nus de

Esperança

A m o r

E m p a t i a

Hu

Ma

nos

[voltei]

Agarrei-me a essa profecia:

“Chuva no primeiro de maio é sinal de um bom inverno ano que vem”

*Acre[ditei] alto e forte
Gritei à um vencedor de campeonato
Pois es-perança, aqui no meu sertão,
é enraizada na seca
deserto consumado
mas a rega, de amor e paciência,
Faz brotar fé
Acre[ditar]
Que no ano vindouro, será um bom inverno.*

Pandemia

GERMANO VIANA XAVIER, CARUARU-PE

*todos pareciam dormir
todos pareciam alguma coisa
de antes*

*foram surgindo entre os becos
nas vielas
pelas avenidas*

*descerram os morros
subiram os elevados*

*todos aquietados
pasmos ainda*

os passos eram surdos

*os quintais foram se desfogando
os braços se despregando
do resto do corpo*

*tocaram as suas faces
enxugaram as lágrimas*

*olhei para o capacho
ao fechar a porta por fora
uma recordação*

ENTRADA

Cíclós

BRENO BUENO BASTOS, AMPARO-SP

*É com o passar dos séculos,
No ressoar dos ecos,
Que percebemos que todo fim
É um ponto de partida.
E toda chegada, um começo.*

*O que antes era figura,
Tornar-se-á fundo.
O que era direito
Transformado em avesso.*

*O que ontem era país,
Hoje se tornou mundo.
A Natureza, fronteiras não conhece,
O Homem, nelas encerrado, adocece.*

*Um pandemônio caótico
Para os filhos de Adão.
Estranho transe hipnótico,
Castigo, tão amarga redenção?*

*Na eterna espiral das eras
A Grande Roda gira sem cessar.
O que outrora acima repousava,
Embaixo amanhecerá.*

veio um vírus

JOSICLEI DE SOUZA SANTOS, MARABÁ-PA

veio um vírus e virou-nos a vida ao avesso.

*veio um vírus e foi parando o tempo, mostrando que ele não
era só dinheiro
então viu-se que a vida ávida da economia
não é mais importante que a economia da vida.*

veio um vírus e confundiu os ritmos dos dias.

veio um vírus, e, nos isolando, mostrou o valor do encontro

*aí veio isso de confinamento, palavra antes só ouvida na tu
confinamento lembra fim, clausura
mas casa é outra coisa; casa é casulo*

*veio um vírus e foi deixando a gente longe dos outros mas
mais pertos de nós mesmos*

*veio um vírus e foi mostrando pra gente que há templos no
tempo e auras nas horas*

*na tua casa tu cozes e acabas por coser-te
nos livros tu te livras
nos quadros, te vêes em outra face*

*veio um vírus e te ensinou que antes do vôo
é preciso aprender a paciente ciência da lagarta:
amar esse teu casulo, a tua casa
pois ela é o que te faz asa*

O Fausto Moderno

DAVID EHRLICH, CURITIBA-PR

*Condenado por ter sido inútil,
Meus dias eram só lembrar:
Lembrar-me das preocupações fúteis
Antes de a doença espalhar.*

*Um dia, vida tão monótona,
A vida de um fracassado;
No outro, vida tão monótona
Do mundo silenciado.*

*Um vírus virou epidemia,
Esta virou devastação;
Depois se espalhou pelo planeta
E virou aniquilação.*

*Poucos foram os que sobreviveram.
Estes queriam justiça:
Assim eu, jornalista cultural,
Fui cass(ç)ado por preguiça.*

*Às vezes gosto de me perguntar
Se, caso voltasse atrás,
Teria mudado minhas ações,
As que meu eu passado faz.*

*Em mais um dia na minha prisão
Eis que recebo visita:
Diz que a vida não tem que ser assim,
Ser chamado de parasita;*

*Que há uma chance de consertar tudo,
De voltar atrás no tempo;
Que por fim tenho duas escolhas,
Ou falo “não” ou eu tento.*

*Só há, porém, um único “porém”:
Tenho apenas uma chance,
E se eu falhar, minha alma é dele
Em só um único lance.*

*Rapidamente sei quem ele é,
E pergunto o porquê disto.
“É porque gosto de apostar almas”,
É só o que me diz Mefisto.*

*Sendo essa minha uma chance,
Eu acabo por aceitar:
O presente nada me reserva,
Vou é no passado apostar.*

*Fecho os olhos, e em seguida os abro.
Não há mais barras de cela,
Há um trem e uma luz no fim do túnel.
E ao meu lado, vejo ela.*

*Ela, que conheci ao visitar
Um besta programa infantil.
Ela, a quem queria ao meu lado
Quando eu estivesse senil.*

*Ela, a que tanto me criticou
Por só deixar acontecer.
Ela, a que morreu e me deixou
Sem consegui-la esquecer.*

*Reconheço este trem, lembro-me bem,
Foi no dia em que começou.
Mefisto não me deu muito tempo:
Não mentiu, porém enganou.*

*Ela ao meu lado, e à minha frente
Há dois atores famosos
A quem eu deveria entrevistar;
Agindo todos pomposos.*

*À nossa volta, uma excursão
De crianças barulhentas,
E duas professoras cansadas
Que tentam contê-las, lentas.*

*E então alguém tosse. Todos olham.
O pânico então começa:
Todos tentam achar o culpado,
Não há nada que os impeça.*

*O medo de estarem condenados
Transforma todos em monstros.
Batem, pisoteiam, lincham, matam,
Aniquilam uns aos outros.*

*Dessa vez, porém, sei o que fazer:
Num impulso pego ela,
Chamo as crianças, que me seguem,
E então sebo na canela!*

*Disparamos até outro vagão,
Mas o perigo nos segue:
O outro vagão sabe bem o que houve,
Tem medo de que o vírus pegue.*

*Logo todos nos cercam pra linchar,
Não existe escapatória;
E no meio de toda a multidão
Ouço um riso de vitória.*

*“Vai desistir?”, gargalha Mefisto.
“Sabe muito bem que quer, sim.
Será bem mais indolor; te garanto.
Aceite que chegou ao fim!”*

*Sinto minha alma corrompida,
Sinto a tentação de ceder;
A vitória parece impossível,
Tudo que me resta é perder.*

*Demoro, porém, para responder,
E nisso um milagre ocorre:
Os dois atores entram no vagão,
E o povo até eles corre.*

*Não é, porém, para assassiná-los:
Correm atrás de autógrafos,
E muitos sacam seus celulares,
Pelotão de fotografos.*

*Rapidamente esquecem o vírus,
E é minha vez de gargalhar:
“Parece que nesta nossa aposta
No fim sou eu quem vai ganhar!”*

*“Mas não estou apostando contigo”,
Ele responde, piscando,
“Você é só um peão nesse xadrez,
Não vence mesmo ganhando.”*

*Logo em seguida desaparece,
E então me vejo sozinho,
Tendo que guiar ela e crianças
Por um estranho caminho.*

*O trem para bem em frente a um shopping,
E todos no vagão descem.
Do outro vagão, nem mesmo um sai:
Violentos, todos falecem.*

*O lugar é isolado, tem ninguém:
O medo do vírus letal
Fechou todos os lugares assim,
Até com barras de metal.*

*O trem para, é preciso limpar
Os corpos do vagão morto.
Teremos que nos virar por aqui,
Um lugar estranho, torto.*

*Caminhamos por ruas vazias
Neste bairro abandonado.
Não há nada aberto para comer
Ou se sentir descansado.*

*Rapidamente o dia anoitece,
E deitamos ao relento.
Alguém acende uma fogueirinha,
E, deitado, dormir tento.*

*Todos estão dormindo, menos eu.
Mefisto então aparece:
“E então, me diga logo de uma vez,
Isto tudo te apetece?”*

*“Não, mas é bem melhor do que era”,
Respondo após muito pensar.
“Desta vez eu fiz ao menos algo,
Não deixei apenas rolar.”*

*“Isso é verdade”, ele respondeu,
Exibindo seu sorriso.
“Seria uma pena se eu de novo
Fizesse um teste ao teu siso.”*

*“O que você quer dizer?”, perguntei.
“Você salvou as pessoas
De serem mortas ou assassinas.
Só que né, notícias boas...”*

*“Fala direito, demônio!”, disse.
“O que tanto você esconde?!”
“Você sabe o ‘o que’ da doença,
Mas não o ‘quem’ ou o ‘onde’.*

*Fui eu que criei esta doença,
E sou eu quem a transmite!
Mas já aviso para não me culpar,
Antes que você se agite.*

*Foi Ele que me deu carta branca,
Ele que gosta de apostar.
E é por causa desse prazer d'Ele
Que eu vou todos eles matar.”*

*Ele então apontou para todos
Que dormiam ao meu lado.
“Você me deu uma nova chance
Só pra me tirar o dado?!”*

*“Dei-te a chance de agir, seu tolinho,
E de fato você o fez.
Mas agora sou eu que vou agir,
As mortes são minhas mercês.”*

*“Então tudo isso foi por nada?!”
“O contrário, Ele ganhou.
De sua alma ser dada para mim
Você desta vez se poupou.*

*“O que me resta agora então fazer?”
“Aproveite sua solidão.
Quem sabe um dia Ele te lembre
E daí eles voltarão.*

*Agora me dê sua licença,
Que tenho almas a apostar.”
E dizendo isso, ele sumiu,
E para nunca mais voltar.*

*No dia seguinte, como dito,
Todos eles faleceram.
Mas desta vez, quando tudo acabou,
Os vivos não me prenderam.*

*Aprendi a continuar vivendo
Sem peso na consciência:
O que matou ela e as crianças
Estava além da ciência.*

*Porém todo dia rezo a Ele
Para que os traga de volta;
Este desejo de todos rever
Minha cabeça não solta.*

*Às vezes penso até em Mefisto,
E o desafio a me apostar:
Ele, porém, não é mal(u) perdedor,
Não vai por revanche implorar.*

*Se minha alma está salva, não sei,
E por vezes me importo não:
Se o que se faz muda alguma coisa,
Só os mortos é que saberão.*

*Mar Ecumênico*¹

TIAGO RAFAEL DOS SANTOS ALVES, ADAMANTINA-SP

*Ó mar silencioso, quanto da sua fala,
São lágrimas de um mundo que se cala!
Ao nos cruzar, quantas famílias chorarão,
Quantos filhos em vão rezarão!
Quantos ficarão a esperar,
Aqueles que nunca mais irão chegar!*

*Valeu a pena? Sempre vale a pena
Mesmo que, demorada seja a quarentena.
Quem quer passar além da dor
Terá que passar por esse torpor.
Aos deuses se ouvem clamores,
Cessem, por favor, todas as dores!*

¹ Releitura de “Mar Portuguese”, poesia de Fernando Pessoa, em decorrência da pandemia de COVID-19.

Distanciamento sócioamoroso

ISABEL MARIA FONSECA, BOA VISTA-RR

*Quando tudo isso passar
Aglomeramos em nós
Entre beijos abraços e sexo*

*Quando tudo isso passar
Aglomeramos em nós
Como as notas em uma música revolucionária
sobre o Che Guevara
Fusil contra Fusil
Nada más
Só o teu sotaque em melodia
e da minha boca
como em hinos democráticos de Aldir Blanc
sairão notas surdas
e palavras de apelo*

*Quando tudo isso passar
Aglomeramos eu e tu
em nós
Seremos carne
Sem pudor
Sem máscaras
Sem vírus
E brotará de nós
sementes de gente
de vida
novamente...*

Realidade

TEREZINHA DE JESUS DA SILVA, SÃO JOÃO DEL-REI-MG

*Agenda esquecida
Anotações perdidas
Eventos cancelados
Feriados esquecidos
Viagens adiadas
Páginas vazias*

*Dia após dia
Nada a fazer
Nada a viver
Rotina insistente
Solidão persistente
Medos estranhos
Pesadelos confusos
Insônia frequente*

*Portão trancado
Chave pendurada
Rua vazia
Não há caminhante
Não há caminhão
Tudo parado
Só há solidão*

*Família distante
Ausência sentida
Lembranças latentes
Saudade presente
Sentimentos alternados
Carências reveladas*

*A casa parou
A rua parou*

*O bairro parou
A cidade parou
O estado parou
O país parou
O continente parou
O mundo parou*

*Silêncio lá fora
Silêncio aqui dentro
Silêncio em mim
Silêncio no silêncio
Silêncio total
Silêncio mortal*

23:59

LEONARDO HENRIQUE SANTOS ARAÚJO, BOA VISTA-RR

*Eu acho que no meu sonho nós éramos super-heróis
Mas já desvaneceu
Não lembro de ter tido um herói*

*Acho que ele me esqueceu
Cansei dessa vida, onde pausa esse jogo?*

*Dá para começar de novo?
Desisti das pessoas
exceto uma
Porque a minha química decreta
Que ele é a melhor coisa do mundo
Desprezo essa matéria*

*Sempre um efeito colateral
Não sou compreensível
Gostaria de não me importar
Mas é inevitável*

*O que é viver?
Há muitas definições
É sofrer
É uma arte
É arriscar tudo
É um risco
É muito perigoso
É desenhar sem borracha
É melhor que sonhar
É cristo
É adaptar-se
Há muitas citações
23:59
Qual filósofo me ensinará a viver?*

*Não quero dormir
Não quero nunca mais dormir*

*Falando com reflexos
Contando meus segredos
Dizendo o que nunca será*

*Já é meu aniversário
Chegou como eu não queria
Numa pandemia*

*Abdicar da vontade
Decadente
Dor nos dentes
Dor na barriga
Dor
A Dor que pula e pula*

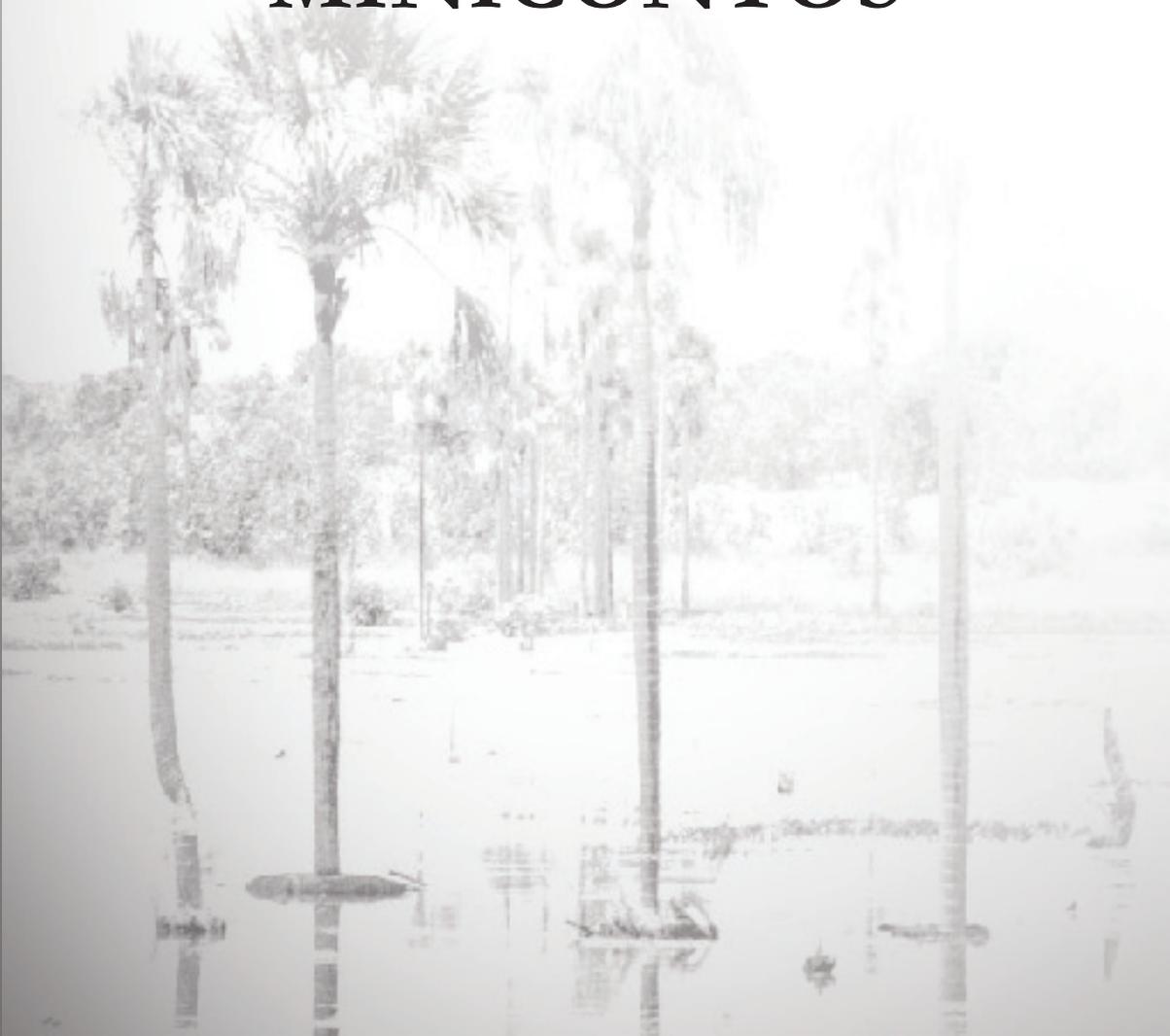
*Acho que vou dormir afinal
Sinto-me selvagem
Se eu me matar, quantas torres vão cair?
Raiva dessa cabeça poética*

*A verdadeira festa começa quando todos vão embora
Estava em crise
Crise alérgica
O bafo é frio e a respiração é lenta
Somos natureza-morta
Mas não sei quem nós somos*

Somos maus, mas não somos bons nisso

*18 para sempre
Olhando os buracos no meu corpo
Para sempre
(Onde fica o nirvana?)*

MINICONTOS



ENAMORADOS

Rodrigo Soares Duhau, Brasília-DF

A pandemia se foi. O mundo voltara à normalidade. E aqueles dois apaixonados puderam, enfim, retirar as máscaras e fazer com que suas bocas se tocassem. A partir daí, seus corações ficariam um do lado do outro em uma quarentena eterna.

POBRE DO ZÉ!

Francisco Gabriel Ribeiro, Natal-RN

Há três meses, Zé veio à cidade; gripado, pôs uma máscara. A polícia o abordou e disse: “Da próxima vez que você vier aqui com máscara, vai preso”. Hoje, o Zé voltou à cidade, sem máscara; a polícia disse: “Você está descumprindo a Lei, temos que lhe prender”.

PROTEÇÃO

Thaís Helena Carneiro Barros Aguiar, Recife-PE

Chegou em casa, tirou uma máscara, caíram todas.

EPITANIA

Estevan de Menezes Palma, São Paulo-SP

O pastor fanático disse de púlpito: — Ignorem a medicina! Morreram alguns féis. Percebeu que fé não é vacina.

NORMALIDADE

Estevan de Menezes Palma, São Paulo-SP

João mora em uma ocupação. O governante disse que as coisas voltariam a normalidade. Teve medo. A normalidade era seu maior problema.

DISCURSO DE MÃE

Maira Bastos dos Santos, São Paulo-SP

— Mãe, posso ir na casa do Caio? — Não. - Posso ir na sala de jogos? — Também não. — Na quadra? — Não, já falei mais de mil vezes que **TODO MUNDO** está em casa por causa da pandemia. — Você também já disse um milhão de vezes que eu não sou **TODO MUNDO**.

DORMINDO COM O INIMIGO

Fernando Machado dos Santos, 15 anos, São Paulo-SP

Nazaré se isola para ficar segura do Coronavírus.
Esqueceu-se que sua maior moléstia estava em casa.

À ESPERA

Alex Alexandre da Rosa, Jundiaí-SP

O pequeno David saía gritando pelo quintal com brilho nos olhos, a cada barulho de carro. — Papai, mamãe! — A avó apenas observava, sem nunca sorrir. O vazio imposto pela pandemia se fazia presente na cidade, nas ruas e, agora, na casa.

CONTAMINAÇÃO

Gabriel de Souza Alencar, Boa Vista-RR

Ele estava no mercado, a poeira de uma prateleira o fez espirrar e começar a tossir. As pessoas o olharam com desconfiança. Então quando menos esperava uma multidão o cercou. Bastou outro espirro. Enquanto fugia, gritava: — Eu tenho rinite! Eu tenho riniteeeee!

RETRATO DO ARTISTA QUANDO VELHO

Lasana Lukata, São João de Meriti-RJ

Prezado Corona Vírus, já pertinho dos sessenta,
respeito a quarentena, mas amo uma quarentona.
Sei que estou me arriscando.

RETRATO DE FAMÍLIA

Leticia Galan Garducci, São Paulo-SP

O fotógrafo se aproxima para o registro da família:
pai, mãe, tios, sobrinha. Todos os entes reunidos – é
uma só cova, retrato de uma pandemia.

CÂMBIOS

Laércio Meirelles, Dom Pedro de Alcântara Torres-RS

Sozinha, enxaguou o passado, arrumou o armário das ilusões, colocou as mágoas no lixo e largou os sonhos sobre a mesa. Quando acabou a quarentena, era outra.

OS POMBOS VOARAM

Thiago Luz, Rio de Janeiro-RJ

As contas continuavam chegando como os pombos na sacada do apartamento. Aluguel, condomínio, cartão de crédito... telefonema: “vamos te recontratar quando passar a pandemia”. Ele encostou o velho Colt prateado na têmpora direita. Os pombos voaram com o estrondo.

INSEPARÁVEIS

Francisco Carlos Rocha Fernandes, São José dos Campos-SP

Eram casados há mais de 60 anos. Namorados desde a infância. Faziam tudo sempre juntos. Montavam quebra-cabeças, jogavam baralho, assistiam TV, caminhavam, iam à missa. Juntos, deram entrada no hospital e, juntos, saíram. Só ela sob os aplausos de toda a equipe médica.

As Mãos

Brunno Vianna de Andrade, Rio de Janeiro-RJ

Entrou em casa. Correu ao banheiro. Lavou as mãos sem pressa. Saiu do banheiro. Limpou as mãos sem pressa. Saiu de casa. Higienizou as mãos sem pressa. O mundo lá fora parou de correr. De longe se viram. De longe. Entraram, cada um em suas casas. Um lavou as mãos vagarosamente. O outro também. Seguiram assim os seus dias até o fim da pandemia.



CRÔNICAS

HOJE O CORONAVÍRUS CHEGOU A SALVADOR. DE TARDE, FUI À FEIRA

LORENA GRISI, SALVADOR-BA

Entro nos sites de notícias para ver se o coronavírus chegou a Salvador como uma mãe que acompanha pelo GPS o percurso que o filho adolescente está fazendo numa viagem. Chegou hoje. Não o filho, o corona mesmo. Melhor assim, filhos causam maior estrago e o tempo de manifestação é mais longo.

Tenho tentado não entrar na paranoia que é tanta que, antes mesmo de o vírus aterrissar na Bahia, eu já estava exausta dele, colocando vassoura atrás da porta, como se deve fazer para que alguém indesejado vá embora. Eu entendo todas as precauções exigidas, que há motivo para alarde quando se vive num país de duzentos e dez milhões e com uma população que empobrece e envelhece, tornando-se mais vulnerável. Mas me recuso a sair de máscara sem estar doente. É como vestir uniforme de apicultor para ir à praia.

Hoje teve feira de literatura e ilustrações na cidade e, contrariando as expectativas, ela não foi cancelada. Algum leitor pensará que a feira ter acontecido foi irresponsabilidade, pois ela pressupõe aglomeração de pessoas, contatos próximos e contágio em massa, caso o corona seja apreciador de literatura e de ilustrações.

Passei dois dias querendo ir à feira e me perguntando se seria ético. E se justamente eu fosse contaminada e transmitisse o vírus para amigos e colegas de trabalho? Talvez fosse necessária uma pandemia para instalar em mim um desditoso dilema moral.

Fui à feira. Primeiro torci para que estivesse vazia, para que o sentimento de culpa que me consumia houvesse acometido outros indivíduos de maneira mais peremptória e que eles sim, cidadãos de alto caráter moral, optassem por ficar em casa. Lembrei que se essa realidade se estabelecesse, imenso prejuízo seria causado aos artistas expositores. Às vezes penso que é melhor contrair coronavírus e ser obrigada ao isolamento do que não o contrair e ter caminhos que se bifurcam. Sou de libra. Não me dê opções, me dê logo um vírus e canja de galinha.

A cada ilustração que eu tocava na feira, me perguntava se quem a tocou antes de mim teria coronavírus. Uma amiga que vendia livros só deixava as pessoas tocarem os exemplares de seu stand depois de assepsia com álcool gel. Ela me ensinou um cumprimento que os europeus têm adotado em que, ao invés de abraços ou apertos de mão, tocam-se os cotovelos. Usei esse cumprimento com ela, mas esqueci dele cinco minutos depois e já estava abraçando todo mundo que eu encontrava. Muitos amigos queridos e somos todos baianos. O coronavírus vai fazer um carnaval em Salvador e a culpa é de gente como eu.

Agora, prometo todo isolamento possível. Meu trabalho suspendeu as atividades, certamente eles sabem a funcionária que têm. E eu que julguei o colega que estava voltando das férias e jurando não o abraçar (isso foi antes de ele chegar porque, quando chegou, esqueci do juramento e o abracei). Se sobrevivermos a essa pandemia, pelo menos ela servirá para me mostrar a relação que existe entre saúde, ética e afetos. E isso não é pouca coisa.

14/03/2020

A REDE E O VENTO

ELYSMEIRE DA SILVA DE OLIVEIRA PESSÔA, PORTO VELHO-RO

Lá fora a rede balança com o sopro do vento norte, que forte traz frescor e alivia o calor que antecede a chuva torrencial, típica do inverno amazônico. O trovão anuncia que a chuva já não demora a cair. Exausta da correria diária, já ia me render ao convite da rede, mas lembro das roupas no varal, e disparo para recolhê-las em meio às folhas que se desprendem dos galhos e brincando voam rumo ao chão.

Entro em casa coberta de roupas e respingos de chuva, e escuto a televisão anunciar as últimas notícias, que dão conta das mais recentes baixas ocasionadas por essa pandemia viral e covarde causada pelo tal Covid-19. Pandemia esta que desde sua chegada ao Brasil atingiu rapidamente suas diferentes regiões, chegando agora ao Norte.

Neste momento o vento fecha a porta com veemência, e, irritada com o susto, começo a duvidar da índole do vento. Me pergunto se não teria sido ele que trouxera o coronavírus de carona consigo, fazendo-o se espalhar tão rapidamente pelo mundo. Ah! Pensamento bobo, claro que o bom vento não traria para cá um visitante tão sinistro! Embora haja vento destruidor, o nosso vento jamais faria isso.

Minha atenção se volta ao telefone que toca, gritando por atenção. Atendo e, ao perceber o teor da mensagem, desejo inutilmente não escutar os relatos de que um conhecido da família havia sucumbido devido a esse vírus. Perplexa, percebo agora que os números e as estatísticas se juntam uma face conhecida, e isso me faz sentir a proximidade real desse inimigo oculto e incomum.

Entristecida, informo o fato à minha família com quem me mantenho isolada em casa. Percorro os cômodos (agora transformados em home office e homeschooling) e repasso a cada um dos outros quatro moradores a triste notícia. Sinto o peso do pesar se agigantar a cada vez que lhes conto sobre a partida sem despedida daquele nosso conhecido.

Novamente o vento muda a direção dos meus pensamentos, agora é o som cilíndrico do sino dos ventos que me faz lembrar que a rede me espera lá fora. Aliviada, resgato o pensamento inicial daquela tarde, que era me aninhar na rede e nela me embalar, acalmando o pensamento e equilibrando meu coração! Agora sim, enfim entro na rede como quem

entra num ninho, nela me encolho e me escondo, volta e meia, balanço e impulsiono a rede rumo à direção desejada. Fecho os olhos e me entrego ao silêncio calmo da varanda ventilada, esqueço o medo viral, e faço as pazes com o vento, agora meu protetor.

CRÔNICA II

VICTOR ALCANTARA DA SILVA, NILÓPOLIS-RJ

A tarde chove além dos vidros da janela. As notícias do dia, com modos de um vampiro, aguardam convite para entrar. A mulher e os filhos assentados à mesa. O cheiro da mulher, o cheiro dos filhos, o cheiro da comida sobre a mesa, tudo é perfume! Sou exigido a reconhecer a minha afortunada condição.

Os que tínhamos casa ficamos entocados; os que tínhamos comida nos alimentamos; os que tínhamos família nos aconchegamos; os que tínhamos bichos os afagamos; os que tínhamos amigos celebramos a relação; os que tínhamos inimigos nos aliviámos de tal severidade; os que sabíamos dos números desinteressamos dos seus maus agouros; os que tínhamos saúde buscamos preservá-la, no corpo, na mente, na alma; os que não sabíamos de Deus e dos seus mistérios fomos repentinamente iluminados.

De repente, a metáfora da noite clareou os dias. A tristeza sobrevalorizou as alegrias, e o que me aborrecia hoje é falta e insuficiência.

Roupas, casas, carros, luxos, sonhos supérfluos, tudo ficou menor ante à urgência da vida; agonizamos pelo direito de ir e vir e trabalhar e discordar pessoalmente uns dos outros... É que a saúde voltou tácita e excepcionalmente à moda. Admitida em sua tamanha precisão, passamos a desejá-la mais que a reuniões de amigos, mais que a festas de aniversário, mais que aos agrados do dia das mães ou dos pais, mais que aos exageros do Natal...

Tornamo-nos ilhas distantes. E isso fez com que as ondas parecessem mais fortes nas nossas praias. Primeiro os destroços chegavam de longe: ficamos chocados com a crise na Ásia; em luto pelos europeus; aflitos pelos norte-americanos... Até que a perplexidade veio, enfim, nos visitar.

Cobaias de uma experiência forçada, passamos a viver uma outra forma de vida, umbilical e maquinalmente ligados. E eu que sempre me vira eu mesmo, dei de me ver como outros, numerosos, desatados; já não me pressentia mais pai, filho, marido, irmão, amigo, professor, fusão de tudo isso, simplesmente; fiquei, enfim, desaglomerado.

Desaglomerado, então, o pai saboreou a convivência com os filhos; o filho fruiu os conselhos da mãe; o marido atendeu aos caprichos da

esposa; o irmão desistiu de polemizar no grupo da família; o amigo levantou o moral dos que esmoreciam; o professor percebeu como seus alunos lhe faziam falta.

Hoje é domingo, assim como ontem, assim como a semana inteira. A vida está quieta na medida exata da sua urgência, condenada a seguir, sempre. Sei que é domingo, e essa é a minha grande fortuna. Talvez nem seja domingo lá fora. E se não for domingo, que dia será na vida dos outros que habitam o mundo fora da minha janela? Os médicos e enfermeiros, os policiais e bombeiros, os garis e frentistas, os caminhoneiros e ajudantes de carga e descarga, os repositores e caixas do mercado e da farmácia podem estar presos em uma segunda-feira sem fim, sem direito a intervalo de descanso ou almoço.

Também eu estou trabalhando, é fato; sigo preparando aulas, corrigindo atividades, selecionando textos, mensurando conceitos e notas, estudando a ver se melhoro a desenvoltura, o domínio dos conteúdos e dos métodos de ensino... Se estou trabalhando, o pai, o filho, o marido, o irmão e o amigo podemos até suspeitar que não seja domingo; mas não o professor. O professor não suponho outro dia que não um típico domingo, com as tarefas próprias de um domingo; porquanto neste como nos outros, eu soneguei um bom pedaço do dia aos meus filhos, à minha mulher e a mim mesmo - não há o que estranhar, afinal. O domingo existe e é concreto, eu o sinto do lado de dentro da janela. Mas se é domingo, por que não teremos aula amanhã?

Já cismamos a possibilidade de nem haver de verdade uma árvore ou pássaro na floresta sem que um alguém lhes tenha visto ou sentido a sua real existência. Sem os meus alunos - sem os seus rostos e vozes, sem o seu cheiro e sua inquieta presença -, o que me garante a existência do professor que escolhi ser? Estarão os meus alunos e suas famílias vivendo em outro dia? Estarão entocados, alimentados e aconchegados? Acaso pensam em mim?

A xícara de café ainda fumeja sobre a mesa; usufruo solenemente o direito de me reconfortar com mais um gole. A esse direito, contudo, acredito corresponder um dever, qual seja o de considerar que para os meus alunos e suas famílias o domingo possa não ter chegado.

Se para muitos o domingo só existe pela insistência daquela avó que reunia a família para o almoço especial, ou por obra daquele tio idoso que inventava brincadeiras para as crianças, temo que, na ausência deles, nos calendários de muitas famílias, já nem haja mais domingos, ou talvez nem qualquer sinal deles.

O último gole de café acaricia-me o céu da boca e desce para o abismo. Penso nele poeticamente, tal qual uma estrela cadente cedendo aos designios da gravidade... realizo um pedido: daqui até o próximo mês, até o próximo semestre, ou mesmo em 2021, o mundo seja reinventado; com muito mais domingos que segundas-feiras em todos os calendários.

VINHO E PANDEMIA

MARILENA BARBOSA DE FREITAS, BOA VISTA-RR

Que dia é hoje? Segunda? Terça? Não sei mais identificar quais são os dias da semana. Isso também não importa. Trabalho, estudo, cozinho, cuidado das plantas, do filho. Hora do noticiário... então percebo que o mundo está lá fora, tentando buscar um caminho. Os olhos dos personagens do noticiário são tristes, e quando há alegria, é resposta do amor altruísta que lateja na alma.

O rancho acabou. Hora de ir ao supermercado... lembro que faço parte deste mundo, que é hora de me adequar aos que estão lá fora. Então me visto para me proteger da guerra biológica.

Percebo que não tenho mais rosto, tenho máscara. Cadê o batom? Pra quê o batom? Isso não faz mais parte do meu consumo. A boca não está mais exposta. As prioridades são outras.

Só meus olhos por trás das lentes se expressam. Com eles me comunico. Eles falam, dançam, se emocionam, contestam, exigem o distanciamento social, pedem, dizem não, dizem sim.

Retorno pra casa, hora de me despir. Ainda no quintal, fico igualzinha a quando tive a permissão de chegar a este mundo, há mais de meio século. Nua e crua, preciso eliminar o perigo que talvez tenha me seguido, agarrado à minha roupa, às sacolas, aos produtos.

Água corrente, sabão, água sanitária, álcool, vinagre e pensamentos positivos: eliminei o inimigo invisível? Neste momento não há resposta. É uma incógnita. Somente os próximos dias dirão.

Minhas mãos...ah, minhas mãos. Elas não são mais as mesmas, estão tensas, evitam tocar, não agridem, mas foram agredidas pela química. Eliminei o monstro? Outra vez a dúvida permeia meus pensamentos. Não sei.

Mas minhas mãos não são mais as mesmas. Olho-as enrugadas. Será o peso das décadas sobre os ombros? Paro, olho, respiro. Não tenho respostas.

Mas minha cabeça ainda é a mesma. Penso, reflito, extravaso e movo os dedos, as mãos, e a poesia escorre no teclado, os sentimentos fluem.... Estou viva! Que Fado Tropical é esse? Hora de saborear um vinho e viver. Vi! Ver! Ainda vejo o mundo. Isso é viver!

DOS MALES, OS MARES

RAISSA GOUVEIA DE MELO EFREM, RECIFE-PE

Eu comecei a escrever essa crônica para o concurso. O tema é a pandemia e os seus efeitos. Agoniada, na cama, eu me perguntava “efeitos sobre quem?”, porque, afinal de contas, ele possui muitas variáveis.

Como narcisista que sou, vou me colocar em primeiro plano. A primeira coisa que me aconteceu foi ser afastada do emprego, já que não tenho carteira assinada. Sem dó nem piedade recebi um belo “tchau, até depois que tudo isso passar”. Em casa, com uma mão na frente e outra atrás, apelei praquela que mais pode: o Estado. O Auxílio Emergencial salvou a minha feira do mês. Mudei para a casa da minha mãe e o meu namorado voltou a morar com a dele. Resultado: menos de um mês de isolamento social e toda a minha estrutura familiar foi modificada.

Agora vamos analisar a situação de uma perspectiva que não seja a do meu umbigo. Socialmente falando existem classes acima e abaixo de mim. Existem aqueles ricos, que se recusavam a fechar os seus estabelecimentos; e existem aqueles que sequer sabiam o que estava acontecendo. “Por que está todo mundo usando máscara?”, um homem recifense em situação de rua perguntou na calçada de uma lanchonete. Um marginal. Um alguém que está tão à margem da sociedade que está alheio ao que acontece nela.

Enquanto blogueiras/os tentam encontrar o lado positivo da quarentena desenhando mandalas e fazendo yoga, outras famílias não podem pedir um Ifood para ajudar o pequeno empreendedor; nem baixar o Caixa Tem para receber o auxílio: não podem ficar a menos de 2 metros de seus familiares em casa, porque moram 8 pessoas em 10m²; nem evitar que ambos usem o mesmo copo, porque só há um para dividir para todos. Como lavar as mãos, se naquele bairro não chega água?

Esses efeitos não foram causados pela pandemia. São mazelas sociais que já existiam, mas agora estão acentuadas.

E como eu li na crônica de um colega de faculdade uma vez, o azar está sempre de mãos dadas com a chuva. Em abril, chuvas torrenciais abraçaram Recife. Aos riniteiros de plantão, já não sabíamos mais se era alergia ou Covid-19. Divididos entre o Polaramine e a Emergência

Hospitalar, eu recorri ao primeiro; mas muitos lotaram as emergências com aperto no peito sem saber, mais uma vez, se poderia ser o vírus ou a sua asma de sempre. O pânico começou a dominar as pessoas.

Espera-se que depois da tempestade venha o arco-íris, venha uma calmaria, como naquela música de Alejandro Sanz. Mas o único pote de ouro que eu consigo enxergar é o bolso do presidente, cada dia mais cheio. Não sei se a crônica permite críticas ao fascismo—eu espero que sim.

Um dos primeiros efeitos da pandemia foi nos fazer enxergar claramente que o motor da economia não são os ricos, mas a massa. Menos de um mês sem a classe trabalhadora foi o suficiente para quebrar diversas empresas. Não são os ricos que pagam os nossos salários, mas nós que geramos o seu lucro.

O segundo efeito foi enxergar quantos dos seus amigos realmente se preocupam com o próximo como mostram nas redes sociais. Por que nós estamos deixando de visitar os próprios pais, para que o coleguinha visite Yemanjá?

E chego ao final desse texto ainda agoniada, mas sem meias palavras. Nunca as tive. Voltarei à rainha que tenho na barriga para concluir assim como comecei: pela minha perspectiva.

Eu vejo um país que não é levado a sério em lugar nenhum do mundo. Somos motivo de piada em programas de TV, no jornalismo e em seriados estrangeiros. Temos mais de 7.000 mortes (ainda estamos no início de maio) e um representante da nação que corrobora com passeatas e manifestações e comete uns 5 crimes de responsabilidade por semana.

A sua demora em tomar decisões plausíveis acentua o nível da crise; alarga o número de mortos; eleva o tempo que passaremos dentro de casa. Daqui, eu consigo ver o céu lá fora e ouvir o silêncio de uma morte lenta. Nossas esperanças são arrastadas para o fundo do Tártaro, assim como Percy Jackson no seu primeiro livro. O pequeno herói conseguiu se salvar. Mas quem nos puxará de volta?

O PÃO DE JACARÉ

TÁSSIA HALLAIS VERÍSSIMO, RIO DE JANEIRO-RJ

Dia desses uma amiga postou a foto de um pão em formato de passarinho em sua rede social. Nesses tempos loucos de isolamento por conta da pandemia, as pessoas têm realizado as mais variadas tarefas no intuito de se distrair do medo e buscar algum conforto em meio ao caos. Há quem faça yoga, quem escreva crônicas, quem cultive um jardim. Ela faz pão. Em forma de animais.

Bati o olho no tal passarinho e fui invadida por um sentimento nostálgico que me transportou diretamente ao suburbano bairro de Campo Grande dos anos 1990.

Cresci nesse lugar que apesar de estar oficialmente localizado na cidade maravilhosa, cartão postal do Brasil, não tem praia nem glamour. Cinquenta quilômetros e uma avenida Brasil separam Campo Grande do centro do Rio de Janeiro e por lá não se encontram pessoas bronzeadas desfilando no calçadão ao som de Vinícius de Moraes. Mas é um bairro quente, sem dúvidas. Um vale sem brisa do mar e com um vulcão próprio. Extinto, claro, mas ainda assim um vulcão. Orgulho do bairro, aliás.

Pois bem, nesse bairro vulcânico e peculiar, havia uma local chamado Silbene. Um estabelecimento comercial que não poderia ser classificado a partir de nada do que conhecemos. Não era uma loja, apenas. Não era um shopping, ainda. Era uma instituição campo-grandense.

Na Silbene você podia comprar, por exemplo, todo o material necessário para a festa de aniversário do seu filho: do painel de isopor com ilustração de gosto duvidoso para prender atrás da mesa do bolo ao presente do infante. Também podia adquirir material escolar, tirar foto para documentos, comprar revistas internacionais, usar a internet numa época em que nem todos tinham acesso dentro de casa, entre todo um mundo de possibilidades.

Mas, o que eu mais gostava na Silbene era sua praça de alimentação. Sim. Eles tinham, além de uma lanchonete no prédio principal, algumas lojas anexas que vendiam toda sorte de guloseimas gordurosas possíveis apenas em uma época na qual as pessoas comiam glúten e carboidrato sem culpa. Quem costumava me levar lá era minha bisavó. Em dia de

pagamento, íamos até o balcão pedir várias gramas de pasteizinhos de queijo ou – se a grana estivesse sobrando – até mesmo levávamos um empadão de frango para casa.

O que mais me encantava, no entanto, era o pão de jacaré. Lá na vitrine, brilhando absoluto, um pão enorme em formato de jacaré, com seus olhos de fruta cristalizada.

Nunca comi o tal pão de jacaré. Talvez fosse caro, ou talvez apenas minha bisavó nunca tenha se encantado por ele, com seus olhos de senhora.

Sei que a Silbene fechou, foi vendida pelos herdeiros para uma dessas franquias de universidade que disputam com fábricas de bolos e academias de ginástica o monopólio dos espaços na cidade. Eu não moro mais em Campo Grande e minha bisavó faleceu alguns anos atrás.

Volto de meus devaneios e, sentada na sala na qual tento cumprir o home office exigido, muitos quilômetros longe da Silbene, choro de saudades do pão que não sei o gosto.

BEIJOS VIRTUAIS

ALDENOR DA SILVA PIMENTEL, BOA VISTA-RR

É bem verdade que este sintoma já era perceptível antes mesmo da pandemia, mas não se pode negar que, com ela, o quadro se agravou. E agora eu, que não me lembro de já ter recebido uma carta com marca de batom da pessoa amada, tenho minhas redes sociais invadidas por beijos que nunca se concretizarão.

Sim, porque o mínimo que se esperava de alguém que finaliza uma conversa pela internet com “beijos”, no plural, é essa mesma pessoa, “ao vivo e em cores”, dá pelo menos um desses beijos, nem que seja no singular.

Mas não: de parentes distantes a falsos amigos, tem gente (e não é pouca!) que me manda beijos virtuais, mas mal me cumprimenta pessoalmente. Sem falar naqueles que eu nunca vi nem verei em carne e osso na vida.

E a beijação digital a cada dia se reinventa: o que antes era “beijos”, como no dicionário, se desidratou e virou “bjs”. Devem ser selinhos abreviados, de tão rápido. Depois as letras deram lugar a símbolos e passamos a ganhar sequências de dois pontos, hífen e asterisco. Com o tempo, os beijoqueiros já nos enviavam os tais emojis.

E tem mais: esses emojis sofrem mutação igual a vírus de computador. Começou com a carinha amarela fazendo biquinho. Depois vieram as variações: piscando, com coração vermelho na boca, com olho aberto, olho fechado, com sobancelha, com a bochecha rosada. Cada vez mais realista. Só falta uma coisa: beijar de verdade, daqueles que estalam e deixam resquício de umidade na pele do outro.

E para piorar ainda veio um tal de coronavírus empatar o corpo a corpo. Agora nada de beijo, nada de abraço. A dois metros de alguém o máximo que se consegue é um golpe de capoeira.

Por isso, decidi: vou aproveitar esses tempos de isolamento social e disseminar a torto e a direito meu carinho virtual: mas em vez de mandar beijos, vou dizer “sexo”, para ver se pessoalmente, passada esta pandemia, eu ganho pelo menos um aperto de mão.

[SETE. ESTE É O NÚMERO QUE...]

EVELYSE MICHELLE MAGALHÃES FRAGA, MAMBUÍ-MG

Sete. Este é o número que representa o tempo em anos que estou casada. Sete e eu não conhecia o homem com quem me casei.

Não, não creio nessa bobagem de “crise dos sete anos”, até mesmo porque qualquer casal que se preze briga com um, dois, três anos juntos, dado que isto é perfeitamente normal com a convivência diária. Mas, no meu caso, o buraco é mais embaixo.

Bem, estou aqui, sentada na privada e com a porta do banheiro fechada. Por quê? Não estou mais suportando encarar as fuças daquele tipo que, sou capaz de apostar, deve estar esparramado no sofá da sala assistindo àquela programação irritante de esporte - “esporre”, é como chamo quando estou a fim de uma discussãozinha - enquanto conversa com alguém no aplicativo que ele pensa que não sei que ele tem conta. Ciúmes? Ah não, não senhores! Antes poderia até ser, mas então aconteceu algo que alterou todo o cenário: o coronavírus, e com ele um fenômeno revelador chamado “isolamento social”. Explico.

Eu e o digníssimo somos professores e, pra completar, do grupo de risco: hipertensos. Então, aulas presenciais suspensas, alunos em casa, nós nos isolamos. Como no prédio há uma ótima padaria, estamos trancados em casa há um mês inteirinho, completo hoje, sem sair pra nada. Pra quê, meu Deus, pra quê!

“De cada amor tu herdarás só o cinismo/Quando notares estás à beira do abismo/Abismo que cavaste com os teus pés”. Não é, mas bem poderia ser sobre a escolha de casar-se que Cartola inspirou-se para escrever esses versos... Envolvi-me com meu marido muito nova ainda - mal havia começado a conhecer a vida; como na letra da música - Logo engatamos um namoro sério e que durou bons oito anos e meio. Naquele tempo, e até o início da vida de casados éramos cúmplices, amigos e amantes. Mas, como tudo nessa vida, ocorrem desgastes naturais, entretanto, sempre contornados com um bom vinho e uma sessão de filmes antigos. E então, COVID-19.

Na primeira semana em casa já pude perceber coisas que, ou não tinha tempo pra tanto ou fazia vista grossa. Acho mais provável que não tinha tempo mesmo. Havia dias tão puxados na universidade que nós só nos encontrávamos à noite e, ainda assim, muitas eram as vezes

em que passávamos boa parte dela elaborando projetos ou auxiliando em teses e TCCs de vários alunos. De quarentena, ainda fazíamos isso, mas em ritmo bem menos acelerado. O ponto em que quero chegar é que nós tínhamos mais tempo juntos. E mais tempo juntos implicou em ver trituradas todas as ilusões em que vivíamos dentro daquele moinho, digo, casamento.

Sempre que descia pra ir à padaria, eu higienizava as mãos e colocava luvas descartáveis pra manipular o que tivesse de. Voltando pra casa, descalçava-me e jogava fora as luvas, desinfetando em seguida a maçaneta e as embalagens dos produtos. Pois bem, perdi a conta de quantas foram as vezes em que esse homem pegou as luvas, lavou e quis que eu as reutilizasse! Eu, no início - depois vieram os palavrões - pedia com jeitinho que não fizesse aquilo, embora o nome das luvas fosse autoexplicativo. Isso deu em absolutamente nada. Assim, passei a descartá-las na lixeira comum do prédio. Em seguida, o problema foi com o Homero. Homero é nosso Lulu da Pomerânia. Eu adorava passear com ele, mas entendi que, dada a conjuntura do momento, uma volta no condomínio duas vezes por semana devia ser suficiente. O que aconteceu? Ele, que nunca foi disso, cismou de levar o cachorro na praça, três quadras distantes de onde moramos. Que ódio, que ódio! E como eu poderia impedir? “Foi a mamãe quem nos deu o Homero. Então, tecnicamente ele é mais meu do que seu!”, era a infâmia que eu ouvia. E outra ainda, “Eu não vou dançar conforme a música de um bando de gente paranóica”, ele sentenciou.

Pensei: ele já era assim ou o isolamento social criou um monstro implicante e indigesto? Mas logo descobri... Ele não acreditava na existência do vírus. Dizia todo santo dia que “A China quer dominar o mundo através da tecnologia do 5G”. Meu marido sempre foi questionador, tanto que é doutor em Sociologia, mas as teorias da conspiração que ele passou a recitar, tal qual um mantra, começaram a me irritar profundamente. “Querida, até o Quico levantou esta questão!”, claro... o grande pensador do seriado mexicano... Eu desisti de mostrar as manchetes nos sites, a fotojornalismo e a contínua atualização nos telejornais do número de infectados e mortos ao redor do mundo. Desisti. Mas, ele, decididamente estava empenhado em me afrontar.

Um belo dia, estava numa chamada de vídeo com minha irmã - é oportuno dizer que ela mora no mesmo bairro que eu, mas

como estava grávida, toda família achou por bem não visitá-la - e nós duas conversávamos sobre um amigo em comum que estava na UTI, muito debilitado e já tendo testado positivo para o COVID-19. Repentinamente comecei a ver uma fina cortina de fumaça subindo pela janela. Chegando no parapeito, quem é que estava lá embaixo, na área gourmet comum, com cinco patetas assando carnes e batendo um papo descontraído? Ele, mesmo, o Doutor! Eu encerrei na hora a chamada - costumeiramente não faço isso, mas estava à beira de uma síncope - e saí com sangue nos olhos! A primeira coisa que fiz foi buscar munição, neste caso a síndica e vizinhos que eram contundentes a respeito do isolamento, e então seguimos para a área gourmet do condomínio. Foi um quiprocó só... Mas, como por aqui a Dona Germana fala e o resto acata - uma senhora de mais de setenta anos, vigorosa, pessoa corretíssima e quatro vezes síndica - ela reiterou que havia proibido o uso da área gourmet comum, antes e que não se recordava de ter feito quaisquer tipos de concessões. Os patetas - não eram três, mas no caso o dobro, a contar com o chefe deles - saíram pês da vida, mas não deram um pio. Eu dei o maior sermão no meu marido. O direito que ele tem de ser cético não pode, em hipótese alguma, transpor o meu e o que as outras pessoas têm de se protegerem. Ele ficou calado, só ouvindo. Achei que finalmente chegaríamos no fim a um denominador não comum, mas ao menos coerente. Que nada... Ficou emburrado o resto do dia e no seguinte acordou praguejando pra todo lado e dizendo que sua vontade era me fazer comer toda aquela carne semiassada. Confesso que chorei, igual a uma adolescente que descobre o primeiro chifre da vida. Mas levantei a cabeça e resolvi fazer algo mais útil. Entrei no meu empoeirado e raramente frequentado “quartinho da bagunça” e arranjei um espaço nele pra poder usar minha máquina de costura. Liguei no armarinho e fiz o pedido de alguns metros de elástico roliço para entregarem em casa - R\$ 7,00 a entrega... ah, o brasileiro e sua enorme vontade de ajudar em momentos de dificuldade - o TNT eu já tinha. Busquei um do it yourself na internet e em questão de algumas horas eu já havia terminado cerca de dez máscaras. No fim de semana, só deixei o quartinho quando tinha uma boa quantidade. Juntei-as todas e hoje cedo um funcionário da Casa do Caminho - a qual sempre ajudei - veio buscá-las. Foi um sentimento energizante o de poder contribuir num momento tão difícil.

Na mesa do café, o silêncio. Ele não fala comigo desde o episódio

do churrasco... O que é que se pode fazer? Trancar-se no banheiro. É, um tanto infantil, mas afinal, talvez estejamos precisando de tempo para reavaliar todo o contexto do abismo que cavamos com nossos pés... Sim, porque um casamento é feito de duas pessoas, portanto não há certo e errado, o que há é falta de diálogo. Coisa que não temos desde muito tempo.

A propósito, eu estava pensando ontem à noite, enquanto via uma reportagem em que um significativo número de mães contava os métodos que utilizavam para entreter os filhos enquanto as aulas estiverem suspensas - em outras palavras, estavam passando aperto por não suportarem mais as crianças totalmente sem limites que haviam criado - e em como não conhecemos de fato uns aos outros. Digo isto porque acabamos negligenciando atenções que deveriam ser primordiais em qualquer relação humana: a mãe que não se impõe e vive fazendo trocas pois perdem o controle sobre os filhos; o marido que sequer estima a mulher que tem; a esposa que passa tempo demais culpando o esposo por tudo, sem nunca cogitar uma autocrítica; o discente que não valoriza uma aula preparada pelo professor; o docente que vive sendo o algoz daquele aluno que ele julga inferior. Tantas coisas, tanta mesquinha, mas que às vezes nem nos damos conta de estarmos fazendo. E foi exatamente vivenciando algo com dimensões nunca vistas e, eu diria, assustadoras, que muitas pessoas puderam sentir falta daquilo que sempre tiveram, mas que não davam a devida significância, e falo também por mim mesma. Nesses dias em casa que me dei conta de que não faço a mínima ideia de qual vem a ser o nome do moço que traz minhas revistas de arte toda terça-feira - e recebo-as regularmente já há três meses - ou quando foi a última vez em que visitei - visitas de beija-flor não contam - minha afillhada, ou ainda porque nunca arranjei um tempinho para tomar o café para o qual a Dona Germana tanto me convida e que sistematicamente venho adiando sem razão aparente. E, o mais impressionante, há quanto tempo meu marido tenta “aquela” aproximação e eu invariavelmente finjo um cansaço ao qual me habituei? Tudo bem que o homem lá na sala não é santo - churrasco na pandemia, voltinhas com o cachorro, porquices ao invés de higiene básica - mas afinal de contas, quem o é? Passei a conhecer um outro João Vítor, e, certamente, ele passou a conhecer uma outra eu, porque antes de tudo isso nós não convivíamos como um casal deveria.

Ah, bem, minha bateria está no fim. Vou colocar esse celular - aliás foi ele quem me deu de aniversário - pra carregar e talvez termine depois esse texto de desabafo.

Fiz este traçado de underlines porque preciso retomar meu texto para ponderar que João Vítor preparou todo o almoço ontem enquanto eu estive no banheiro, pôs a mesa e me serviu. Apreciamos aquela deliciosa comida e decidimos não impor nossas crenças um ao outro, desde que estas fossem respeitadas. Ele seguirá com a teoria do 5G e eu cuidando pra que nenhum de nós dois seja infectado. E, claro, precisaremos nos reconquistar.

“Há males que vêm para o bem”. Comecei esta crônica com vontade de trucidá-lo, e retomo-a após não ter mais fingido coisa alguma - se é que me entendem.

Talvez, com o fim dessa pandemia do coronavírus, todos nós sejamos capazes de mudar.

SOBRE PERDER ALGUÉM DURANTE O ISOLAMENTO: O VELÓRIO VIRTUAL DO MEU AVÔ

LETICIA GALAN GARDUCCI, SÃO PAULO-SP

A gente vai se acostumando. Pede a pizza da sexta-feira à noite no aplicativo, tem promoção. Encomenda pelo site aquele livro difícil de achar que tem no sebo da esquina - ou vai de e-book. O remédio pra vizinha, a ração do gato, as compras de mercado. Tudo sem sair de casa. Se der sorte, o porteiro recebe e põe no elevador.

Se tem que ir pra rua, aplicativo. O Seu Geraldo lá do ponto de táxi já até virou Uber. Nunca dei sorte de pegar corrida com ele – saudade do Seu Geraldo. Se vou de ônibus, o app avisa que horas vai passar. O jornal de domingo? Assinatura digital. Sábado à noite? O amigo antigo liga por Skype – damos risada, porque hoje se usa é Jitsi Meet, Zoom, Whereby e tantos outros que já nem lembro. E não precisa, tem Google. Namorado novo? OkCupid. Fazer networking? LinkedIn. Protestos? Clickativismo – e dá-lhe “tuitaço”. Depois posta-se tudo no Face: de fakenews às fotos daquela viagem com cada parada mi-nun-ci-o-sa-men-te planejada graças ao Google Street View – foi tão déjà vu...

Tem até uma corrente circulando por aí pra marcar um café de verdade com aquele amigo virtual que a gente mal conhece. Quase retuítei o post... lembrei da pandemia. E a real é que se não fossem as inúmeras lives, cursos EAD, passeios em museus à missa do Papa liberados on line e pipocando na tela enquanto navego na minha time line – sempre quis conhecer o Vaticano –, acho que mal perceberia as políticas de isolamento. É que o meu corpo já tá acostumado com maratonas de home office e faz algum tempo que é a Rappi quem prepara o meu almoço. Mas precisava muito contar nas redes uma coisa bizarra desses últimos tempos...

Sobre o velório virtual do meu avô: abracei minhas irmãs via sticker de whatsapp, chorei com minha família por uma web conferência e recebi as condolências de amigos e familiares regadas de bonitos emojis enviados pelo Facebook. E cada mensagem postada foi realmente como um abraço recebido. Coroas de flores foram substituídas por sinceros

emoticons de coração – as novas homenagens. E tudo isso sem sair do sofá. Estão até falando em uma live pra missa de sétimo dia... Me peguei lembrando de um haikai que escrevi há anos, e que não postei nas redes por sua própria essência:

Revolução tecnológica

A Internet uniu pessoas:

Myspace, Facebook, MSN, Orkut

Agora só sinto o calor do processador

O bizarro? É que, agora, já nem sei o quanto esses versos têm sentido.

NADA SERÁ COMO ANTES

ANDRESSA BARICHELLO, LISBOA-PORTUGAL

O segurança do supermercado é meu amigo. Digo amigo, assim, por força de expressão. É que até pouco tempo nos víamos quase todos os dias, fazíamos parte da rotina um do outro. Sempre gostei do seu sorriso. Era um sorriso constante. Não simpático ou protocolar... Alheio sim, e satisfeito; uma alegria por nada, coisa rara de se ver. Um homem talvez agradecido por não precisar ser, exageradamente, um segurança.

Mais pinta do que perigo, as mãos para trás, unidas, a passada vigilante... É pouco mais. Um braço a repreender quem não manuseia corretamente os pegadores de pão, o manear de cabeça e desencorajar quem ameaça abandonar um produto de higiene na prateleira dos frios ou vice-versa. Também houve o dia em que ele chegou no cangote de um adolescente que parecia apostar com os amigos ser capaz de lamber o bico da máquina de espremer laranjas.

Jeito de maestro, vestido com seu colete laranja, era bom vê-lo fazer do supermercado a sua orquestra. Pareceu-me, desde sempre, um homem apreciador da música. Cheguei a vê-lo dançar, discretamente, quando a trilha sonora intervalada pelo anúncio das promoções calhava de ser um pop. O segurança do supermercado tem cara de astro pop. Ou melhor, de astro do rap; é mesmo a cara do rapper 50 Cent com um quê de Snoop Dogg. Seu jeito renderia facilmente óculos thug life.

Foi tão estranho quando hoje, semanas depois da minha última visita, entrei na loja sorrindo e ele pareceu não me reconhecer. Era, antes, um homem de bons dias, boas tardes e boas noites, o cumprimento olho no olho, seguido do sorriso largo. Foi por causa da nossa amizade que perdi o pudor de enfiar minhas compras diretamente na mochila, para passar no caixa self-service depois. A nossa relação de confiança se tornou inabalável desde o dia em que apareci no mercado à noite, tendo dado conta de que um item comprado pela manhã fora cobrado a menor no cupom.

O segurança meu amigo se chama Alcione. Tem cara de americano e nome de diva do samba. Talvez a sua mãe fosse fã da Marrom. Talvez a nossa amizade tenha como razão o fato de eu reconhecer nele qualquer coisa de Brasil. É normal simpatizarmos ou não com as

peessoas segundo coisas às quais somos remetidos por um nome, uma cara, uma voz, qualquer característica aparentemente irrelevante para um juízo de valor.

Alcione é um sábio em termos de juízo de valor. Vi-o certa vez a rir-se com um policial dizendo que interceptou uma madame a fazer coisas que não era suposto serem feitas dentro da loja. Os portugueses costumam usar a expressão “não era suposto” para referir a situações em que nós brasileiros meteríamos simplesmente um “não devia”, despreocupados com quaisquer preciosismos conjugais.

O meu amigo segurança interceptou a madame a fazer coisas que não devia. E por falar em “conjugais”, só agora me ocorre que essas coisas feitas por ela poderiam até ser de cunho sexual, e talvez até extraconjugais; o que pode ocorrer dentro de um supermercado não é obrigatoriamente matéria de furto.

Alcione, acostumado a conhecer todas as matérias, parece que está à procura de se adaptar a mais recente delas, a matéria de calamidade. Suas mãos apertam o álcool em gel enquanto o pescoço movimentava-se de um lado para o outro, como se esperasse uma invasão. Olha para tudo e parece não enxergar nada. De repente já não existe a clientela conhecida, as pessoas de quem ele reconhece o pai, a mãe, os filhos, os amigos e o cônjuge. A clientela agora é apenas a clientela: todos como se fosse a primeira vez.

Temos vivido um dia após o outro, num registro de constante apagar e repetir. Como tivessem me apagado da sua memória, vi Alcione manter sua postura de sentinela mesmo quando passei ao balcão com uma mala vermelha e abanei um oi.

Propus-me ao ridículo de ir ao supermercado com uma mala de viagem. Porque um carrinho de feira nunca foi necessário até aqui e porque não há dedos que aguentem uma compra capaz de aguentar uma semana. Alcione não achou a menor graça.

Noutros tempos cutucaria algum colega. Talvez me repreendesse dizendo que mochilas até são toleráveis, minha senhora, mas tudo tem limite...

Dessa vez, fez que não viu. Ou não viu mesmo. Fiz da mala carrinho de compras. E assim, pelo mais banal, atualizamos nossos conceitos de limite. Eles estão mais estreitos e ao mesmo tempo mais alargados.

Arrastar uma mala de viagem cheia de comida. Porque até segunda ordem sair de casa é fazer turismo. De alto risco.

Quando tudo isso passar talvez eu diga:

Alcione, lembra que eu cheguei ao cúmulo de vir fazer compras com a mala de 32kg?

Ele vai dizer que não se lembra. E vai rir, como se lembrasse. E voltaremos a ser amigos, como acontece entre os melhores amigos: pode-se passar muito tempo sem vê-los, mas ao reencontrá-los é como se o tempo da ausência nunca tivesse existido, é tudo como se fosse ontem, é tudo como da última vez.

QUARENTENA

FRANCISCO CARLOS ROCHA FERNANDES, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP

Nestes últimos dias, a gente acorda e de cara, ainda com remelas nos olhos, logo percebe como sua vida mudou, seu bairro mudou, sua cidade, seu país e, surpreendentemente o mundo inteiro mudou. Eu, por exemplo, acordo e não penso mais em que dia da semana estamos ou que dia do mês é hoje (exceto, que as contas continuam chegando nos mesmos dias, para lembrar a gente). Logo que abro os olhos de manhã, faço aquela recapitulação mental quase instantânea e concluo: oitavo dia de quarentena... Décimo dia de quarentena... Vigésimo sétimo dia de quarentena... Nem sei até quando saberei contar os dias de quarentena usando os números ordinais... O que vem mesmo depois do septuagésimo nono?

Como estou trabalhando em casa, desde que foi decretado o isolamento social, o dia da semana não faz mais tanta importância ou tanta diferença. Sou professor e tenho passado a maior parte dos dias preparando e postando aulas virtuais pelo portal do colégio, elaborando atividades e exercícios para os alunos, tirando dúvidas online, fazendo reuniões pedagógicas (o celular chega a ficar quente em algumas reuniões mais acaloradas pelo WhatsApp). Na verdade, praticamente tudo o que já fazia antes, preparar aulas, corrigir exercícios, aplicar atividades... O que mudou foi o formato. Tudo à distância. Tudo virtual. (Nada real?). Tudo agora parece ter assumido um caráter menos natural, menos pessoal.

Tudo parece que perdeu um pouco a cor, o viço (apesar de o céu parecer mais azul, sem a fumaça dos carros, que pararam de circular). Perdeu o encantamento. Como a sensação insubstituível de estar entre os alunos (tá certo que tem aulas que eu queria mesmo é estar em uma ilha deserta), entre os demais professores (principalmente entre os de Matemática, que não ficam falando tanto de política quantos os de História), até mesmo entre os transeuntes anônimos, que costumo cruzar no caminho para a escola... O virtual até agiliza muito algumas tarefas e tem uma abrangência e uma velocidade incomparáveis. Porém, viver não precisa ser de imediato, ser urgente. A vida tem que fluir no seu ritmo próprio, para dar tempo de se entrelaçar com outras vidas.

Mas agora, nem sair de casa podemos...

Eu sei que, mesmo sábado e domingo são agora dias úteis para mim. Pelo menos, estou tendo de fazer com que pareçam mais úteis... Mas procuro fazer coisas diferentes das que faço nos dias de semana, ligadas ao trabalho. Já arrumei a gaveta de meias. Até achei aquele pé com um furinho, que estava perdido há dias, ou, melhor dizendo, desde o terceiro dia de quarentena.

Já remontei um quebra-cabeça dos canais de Veneza, que (re) encontrei quando fui arrumar o armário. Coisa que não fazia há muito tempo (arrumar o armário e o montar quebra-cabeça). A arrumação do armário, óbvio, ficou pela metade. Montei as quinhentas peças em dois dias (entre o décimo primeiro e o décimo segundo dia de quarentena). Pena que faltou uma peça. Não sei como sumiu. Procurei em todos os lugares (inclusive na gaveta das meias). Não achei. Mas quase não dá pra notar que o rosto do gondoleiro foi feito à mão.

Já fiz muita palavra cruzada. Tinha até uma com a seguinte direta: “Período de isolamento”, com dez letras. Deu vontade de colocar um palavrão, mas tinha doze letras. Já assisti oito séries na NETFLIX (deveriam apressar o lançamento de próximas temporadas). Aprendi a fazer haicai (coisa só para japonês, que tem muita paciência). Aprendi a fazer ratatouille (demorei mais pra aprender a soletrar o nome do prato do que para preparar). Super fácil e delicioso. Foi quase um jantar de gala no vigésimo primeiro dia de quarentena, tirando o petit gateau, que não deu certo (preciso procurar outra receita no YouTube). Aprendi a fazer bolo de coco sem farinha e sem açúcar (e sem graça). Fiz aulas de aeróbica no meio da sala. Comecei um curso de mosaico, um de italiano, um de origami... Estou me reinventando (não que eu já não seja uma invenção única da natureza).

Pela primeira vez, dei até uma “espiada” no BBB, acho que no décimo nono dia de quarentena. Mas, realmente, qualquer passatempo é melhor. Depois de menos de dez minutos assistindo, agradei a Deus por estar confinado sozinho aqui e não na casa mais vigiada do Brasil.

E assim tem sido esses dias de isolamento social... “distanciamento social”, “home office”, “EPI”, “coronavírus”, “pandemia”, “achatamento da curva”, “hidroxicloroquina” (essa foi difícil de aprender e decorar)... Quantas palavras e quantos termos novos incluímos em nosso dicionário cotidiano?

Mas vamos em frente, com a esperança de que esses períodos difíceis de mudanças, mas de grande aprendizado, terminem... e outras

palavras e termos, como “solidariedade”, “fraternidade”, “distribuição de renda”, “assistência médica e saneamento básico para todos”, passem a fazer parte permanente do noticiário e, principalmente, do nosso vocabulário. E que, logo, possamos voltar a acordar de manhã e pensar se é segunda ou quinta... Mas que venha logo, senão vou ter que reaprender que número vem depois do septuagésimo nono...

PANDEMIA LONGE DE CASA

VANESSA AUGUSTA DO NASCIMENTO BRANDÃO E COSTA,
LÓDZ-POLÔNIA

Abro os olhos e o meu primeiro impulso é pegar o celular na mesa de cabeceira e ver as notícias sobre a pandemia. Oprimo o pensamento, me espreguiço feito gato, respiro, penso em Deus, não peço nada, só lembro dele e acredito em uma oração muda, um pedido mudo de ajuda. “Quando isso vai acabar, em senhor?” É a principal questão que orbita minha vida na cidade de Lódz, Polônia, aos pés do mar Báltico.

Se uma fonte confiável (quem sabe Deus em sonho) tivesse me avisado que a doença anunciada no final de 2019, na China, se transformaria em uma pandemia mundial em março de 2020, parando o mundo, eu não teria saído de Roraima. Teríamos ficado no Brasil até a tempestade passar, mesmo sabendo que talvez fosse mais desesperador estar no Brasil do que na Europa nesse momento. Digo isso porque meu companheiro trabalhava no maior hospital do meu Estado, Roraima. Lá ele estaria no olho do furacão da contaminação e minha rosácea estaria ativa, queimando meu rosto, deixando-me mais aflita do que me encontro agora.

Depois dos pensamentos matinais vou até a cozinha preparar meu café, um bendito pacote 100% arábica, encontrado entre uma variedade enorme de grãos de gosto duvidoso. Café igual ao do Brasil, com cheiro e gosto de café do Brasil, é raridade por aqui. Isso me dá um orgulho saudoso do meu país, mas também rendeu certa frustração nos primeiros meses, até encontrar o bendito café Royal em sua embalagem dourada.

A máquina de café foi o segundo presente de amor mais útil dos últimos nove anos de casamento. Com cachimbo e bico de saída de vapor, a nova máquina me permite manusear as chávenas e cumprir cada etapa da feitura do líquido fabuloso. O cheiro do pó ao abrir o pote, o bálsamo se propagando pela casa, o silêncio antes o primeiro gole e finalmente, assimilo a vontade de acordar e viver, ler as notícias. Por essa perspectiva, o café tem me salvado nessa pandemia.

O resto do dia segue sem rotina. Por vezes sinto o desejo profundo de me comunicar com o mundo, com os familiares e amigos no extremo

norte, outros dias eu quero sumir por meses das redes sociais, até que me perguntem o que aconteceu, se fui tragada pela COVID-19, se entrei em depressão, mas essa necessária ganância de socialização geralmente acaba me dominando. Publico algo, escrevo, seleciono músicas, escuto podcasts, escrevo texto para participar de concursos literários, e sou interrompida insistentemente pelo meu menino de cinco anos e sua infinita capacidade de elaborar questões.

Os dias na primavera são quase infinitos. Descobri que o coração bombeia sangue por 96 mil quilômetros de artérias todos os dias. É isso mesmo! A luz solar até às 20h30, me induz a perder o horário de fazer o lanche do fim da tarde. Dia que se estica feito slime de criança e como eu os queria, os slimes, essa gosma colorida, terapêutica para o tato, para a mente, mesmo que grude no tecido fino do meu lençol preferido. A quarentena nos faz sentir falta do que antes era abominável e descobrir coisas inimagináveis, quando vivemos na ilusão da pressa.

Olho para o meu pequeno, ele está deitado no sofá e ri sozinho de algum vídeo de um youtuber que não deveria ver. Com ele aprende detalhes sobre a vida dos animais, alguns precoces para a faixa etária. “Mãe, me explica direito sobre acasalamento?”. É cedo falar disso com uma criança de cinco anos? Desconfio que sim. Temo, nessa quarentena, a forte tendência a exercer o papel da mãe desorientada que eu secretamente critiquei. “Eu vou levantar e tirá-lo desse tablet maldito, inventar uma história de mil animais e batalhas pela vida”, penso. Movo-me no sofá, tento, mas sedo a... não vontade. Como se chama o contrário ao impulso?

Fico inerte, pensando “somos feitos de cromossomos, que etimologicamente quer dizer ‘seres de luz’, alguém disse isso em alguma live no Instagram”. Tem luz da minha sala às 20h40, ela me deixa feliz e inebriada de coragem, outras vezes, como hoje, melancólica, melindrada com esse tempo de incertezas. Sigo deitada, admirando-o com sua telinha, até que o companheiro entra na sala e pede um café. Farei dois e só dormiremos amanhã, depois de revisitar nossos medos do futuro, dois adultos cuidando de nossa criança, longe de casa, adormecidos com a sensação de caos nas mãos.

ENTRE MÁSCARAS

TÁSSIA HALLAIS VERÍSSIMO, RIO DE JANEIRO-RJ

Pouco antes das nove da madrugada de uma segunda-feira na cidade de São Sebastião Rio de Janeiro ele me acorda com as palavras que ninguém quer ouvir:

- Amor, acho que estou com febre.
- Mas não pode ter febre agora. Não pode. Mede de novo. Nos dois termômetros.
- Trinta e sete ponto seis.
- Febril. Volta a dormir.
- Você precisa comprar um remédio para mim.
- Oi?
- Remédio. Farmácia. Lembra o que é isso?

Claro que eu lembrava o que era isso. Os mais de trinta dias presa dentro de um quarto e sala com vista para um estacionamento e um pátio interno composto de uma palmeira e dois bancos de praça não eram suficientes para que tivesse esquecido o conceito de lugar que vende remédios e chocolates. A questão é que não se deve sair de casa em meio a uma pandemia e todos os poros da minha ansiedade gritavam que a melhor opção era usar o telefone e pedir em casa.

O problema é que nenhuma das cento e oitenta e duas farmácias do bairro estavam atendendo o telefone. Moro num bairro da zonal sul que é basicamente composto de farmácias, pet shops e mercados. Deve ter uma farmácia a cada três habitantes neste lugar, mas naquela manhã não havia uma disposta a me livrar da inglória tarefa de buscar um paracetamol em meio ao caos.

Para não perder o companheiro – imagina ficar solteira nesse momento – coloco uma roupa, calço os “sapatos de ir à portaria” que já ficam na porta do apartamento, visto a máscara que insiste em brigar com os óculos de grau, me muno de álcool em gel e saio.

Ao cruzar o portão percebo que o mundo tal como eu conhecia mudou. As ruas parecem cenário de alguma série de zumbis. Poucos carros, lojas fechadas e os pedestres usando máscaras de pano ou descartáveis, os olhos tensos, o passo apressado. Um lado meu agradece imediatamente o fato de ver a grande adesão ao novo acessório.

Entro na farmácia, compro o bendito remédio para a febre e não resisto a levar também um aparelho que afere a pressão e os batimentos cardíacos. Imediatamente após a compra me pego pensando por que cargas d'água gastei mais de cem reais nisso no final do mês. Sendo que um dia antes já havia dado uma pequena fortuna num oxímetro pela internet. Decido que é melhor falar sobre isso na próxima sessão de análise, antes que eu acabe falindo de tanto comprar aparelhos médicos superfaturados.

Sigo para a segunda farmácia em busca de pilhas – para o tal oxímetro encomendado – e máscaras descartáveis. Lembro que também esqueci de comprar a bombinha de asma do responsável pela minha aventura matinal.

Na segunda farmácia confirmo minhas suspeitas: ao passo que o álcool em gel voltou com tudo para as prateleiras, as máscaras descartáveis sumiram. Descubro, no entanto, que existe um mercado paralelo rolando naquele estabelecimento. De maneira escusa, quase como uma traficante, a vendedora me faz a oferta:

- Se quiser de pano, tenho a cinco reais.

- Me vê logo quatro, moça! Sinto-me como se tivesse tirado a sorte grande em conseguir comprar uns pedaços de pano estampados sem deixar um rim como pagamento.

Compro as máscaras na clandestinidade – a aventura me obrigou a ir até um caixa eletrônico sacar a grana e voltar, o que me fez passar ao menos uns 40 litros de álcool em gel nas mãos – e levo também a bombinha, as pilhas e dois chocolates que eu estava merecendo uma recompensa e o adoentado um mimo.

Volto para casa me sentindo uma heroína. Missão dada e cumprida. Desinfeto tudo, ponho a roupa para lavar, tomo banho.

Pressão onze por sete.

O PRESENTE NA QUARENTENA

CLAYTON LEITE DE MOURA, JOÃO PESSOA-PB

Num destes dias de quarentena (não lembro qual, já que são todos parecidos), ouvi de minha mãe que seu grande medo era morrer sufocada. Ela dizia isso com base na notícia de uma família que tentava internar um parente no hospital, mas, com a justificativa de só receber pacientes encaminhados, negaram o atendimento. Depois de muita insistência a internação aconteceu, o que não impediu a morte do paciente poucas horas depois. O atendimento rápido teria evitado a morte? Difícil afirmar, sobrando apenas a certeza de que, caso se fizesse todo o possível, a família não seria assolada pelo “e se...”, nem minha mãe ficaria horrorizada com a visão de alguém morrendo asfixiado na porta de um hospital.

Neste mesmo dia (mas pode ter sido em outro), meu irmão disse que se sentia sufocado não apenas com o número crescente de mortes, mas com toda a ingerência assolando nossa política. Agora mesmo enquanto escrevo, tudo indica que o ministro da justiça deixará o cargo, desacreditando um governo que parece acometido pelo próprio vírus, cada vez mais sem fôlego, sufocado e sufocando quem tenta fazer o país respirar, buscando em conchavos um suprimento imoral de oxigênio com prazo limitado e alto custo. Eu, de minha parte, complementei: os preços altos também sufocam, tirando o fôlego não só pela raiva, mas pela falta de comida a que tanta gente é submetida. O Titanic está afundando e alguns esquecem que dinheiro não tem valor nas profundezas do oceano e, se o poeta Dante estiver certo, também não vale no inferno. E fiz mais uma ressalva: essa máscara na cara, item obrigatório para quem valoriza sua vida e a do próximo, também sufoca. Ainda dá para respirar com ela, mas, no mínimo, enche o saco. Eu mesmo vivo me penalizando por tocar onde não devia, na tentativa vã de mantê-la segura e confortável ao mesmo tempo. Mas não há outro jeito.

Eis nosso cenário: governo, alimento e ar vão se rarefazendo ao longo das semanas e não sabemos se nossos suprimentos (de todos eles) serão suficientes, ainda mais porque ninguém sabe até onde essa pandemia vai. Com um futuro assim, só sobrou aquela velha tábua de salvação, tão disponível e, portanto, tão esquecida: o agora.

E, falando do meu agora, confesso feliz que estou ao lado da família, o que tem sido pouco frequente desde que comecei a estudar em outro estado. O fim das atividades presenciais nas universidades permitiu meu retorno. Ainda que distantes, os professores pegam pesado, mas nos intervalos das atividades é bom se ver perto dos familiares, com uma alegria intensificada pelos meses que passamos afastados.

Num destes nossos almoços (em família, como felizmente são todos nesses tempos de corona), percebi que outro tempo assim, de estarmos juntos sem pressa de ir embora, sem ao menos saber quando vou embora, só vi acontecer na minha infância. O vírus, este agente cego e indiferente ao nosso destino, me permitiu ficar junto de minha mãe e meus irmãos não apenas por muito tempo, mas por tempo indeterminado e em caráter obrigatório. É com alegria que aceito este dever.

De resto, uma dúvida me ocorreu: quando teremos outra oportunidade igual? Não vou desejar uma nova pandemia, mas é provável que nunca mais estejamos assim unidos. Também não quero chamar intempéries com estas míseras palavras, mas é bom lembrar que, a exemplo de todas as vítimas do vírus ou de qualquer outra coisa, não sabemos quanto dura nossa passagem pela Terra. Desde o nascimento (e mesmo antes), somos seguidos pela incerteza, e momentos como este mostram o que é verdade inclusive nos tempos supostamente seguros: de certo, só o presente.

Será coincidência o duplo sentido desta palavra?

PS: o ministro saiu. Não sabemos se haverá vaga para o governo na UTI. Mas, e daí?

23H59

ALINE GONÇALVES DE SOUZA, BELO HORIZONTE-MG

Segunda-feira, 16 de Março de 2020.

- Aiai Doutor Paulo, quem imaginaria, não é? Talvez fosse mais uma manhã perfeitamente normal, excluindo-se o fato presumível que hora ou outra seríamos os próximos a sentir o baque. Sabia que esse povo viajando para fora não ir dar certo.

- Quando tiver o resultado dos exames eu retorno.

- Pois foi assim mesmo que aconteceu!

- Aqui mudamos para uma nova rotina, foi inevitável.

- Que imagem horrível eu estou agora. Amor, dá para abaixar o som da TV, por favor!?

- Eu sei, é uma merda. Essa minha aparência no espelho... Será que eu deveria tentar me maquiar para parecer que fui para o trabalho? Mas, veja bem, maquiagem faz mal para a saúde do rosto, li recentemente no perfil da Dra. Juliana que precisamos deixar a pele respirar, então, é melhor estar apenas de cara limpa, não?

- O que você acha Antônio? Está me ouvindo? Acho que o wi-fi está ruim. Tenta colocar os fones de ouvido.

- Por que ainda não criaram uma videoconferência com tradução e criação de legendas automáticas? Não percebem que eu poderia bem estar ouvindo uma música. Ontem vi no feed de notícias que o mindfulness é ótimo para o corpo e ainda contribui para o melhor funcionamento do cérebro. Fiquei realmente chocada, porque pense bem, quase durmo naquelas sessões relaxantes.

- Então, Marcos, conseguiu combinar com seus clientes o atendimento remoto?

- Vi muita gente tendo sucesso. Venda de máscaras de tecido e comidas, afinal cozinhar todo o dia, Deus que me dibre!

- Olhei uma plataforma muito interessante, que estão usando bastante, tem muita oferta de cursos, workshops em videoconferência e quase tudo gratuito. Acredita?

- Fico pensando, será que é a estratégia do marketing da empresa deles? Como estão arrecadando neste período, se quase tudo é gratuito. Os que são pagos, já estavam assim antes da quarentena. Você sabe, o know-how já consolidado, não são novatos no esquema.

- Ai, amiga, que bom que ligou e pensar que vamos poder ficar em casa. Estávamos precisando de uma pausa.

- Amor, que delícia, vamos dormir cedo, assistir um filme. Qual foi a última vez que fizemos isso?

Terça-feira, 17 de março de 2020.

- Mãe você viu meus sapatos?

- Não, não vi. Já olhou se estão na área de serviço secando, Vanessa?

- Mãe, posso brincar lá fora com o Carlinhos.

- Claro que não Rodolfo. Brinca aqui em casa.

- Mas a Vanessa tem celular e eu não. E o papai está usando seu notebook para trabalhar!

- Vá brincar com seus brinquedos! Ou leia um livro. Lembra aquele que é um quebra cabeça que sua vó te deu?

- Eu já li os que estão aqui em casa mãe.

- Então vá estudar!

- Mas mãe! Eu já fiz o para casa. Colori o elefante Carlão e a galinha Gigi.

- Rodolfo, agora não, mamãe vai trabalhar.

- Amor, terminou com o notebook? Preciso trabalhar.

- Ai que saco, esses parceiros, cada um usa uma ferramenta diferente, tem que ficar instalando um monte de coisa no notebook velho. Está travando que é uma beleza. Por que não é só online?

- Você não vai preparar o almoço não?

- Quê, já são quantas horas? Uma da tarde, jesus cristinho! Nem vi o tempo. Está voando. Isso é culpa sua! Ficou agarrado no notebook, ao invés de liberar rápido. Nem pensar que vou cozinhar agora, estou super ocupada. Não posso sair agora, estamos online.

- Vanessa, você está estudando para o ENEM? Até que horas vai ficar na TV?

- Mãe, nem vem, as minhas amigas comentaram de umas aulas num site, mas ninguém libera o notebook para mim.

- Sem desculpa mocinha, você tem seu celular.

- Nessa telinha pequena, ficar ouvindo o professor falar? Ah, não!

- Nem dá para ver o que o professor de química escreveu no quadro.

- Faça uma aula do youtube, que não tenha pessoa escrevendo em quadro. Tudo digital.

- Ah, não! Esses são muito chatos. Só cospe as coisas e acha que eu vou conseguir resolver os exercícios. E tem que pôr o áudio no talo para conseguir prestar atenção.

- Então vá ler o livro e estudar por ele. Como acha que estudávamos antigamente, não tinha essa moleza não. Sem síndrome de madame aqui. Quer alguma coisa, dá seu jeito!

- Mas mãe! Eu não tenho o livro dessa matéria. Eu entreguei os livros para a escola, senão eles não liberavam o diploma, esqueceu?

- Então estude pelo caderno, cadê suas anotações?

- Joguei fora! Era um monte de caderno e você ficou reclamando de ter papel que não estava usando.

- E por que não separou o que ia precisar? Não sabia que ia estudar para o ENEM?

- Eu sei mãe, mas no cursinho eles entregam todo mês uma apostila com o conteúdo para estudar, então, não precisa ficar carregando peso na mochila. Já está tudo organizadinho. E como as aulas foram suspensas não recebemos a apostila deste mês.

- Esse cursinho... Sabia que não era boa coisa, nunca tinha ouvido falar deste lugar. E você e sua mania de maria vai com outras, só porque algumas amiguinhas foram para lá, você quis ir também.

- Não posso fazer nada por você. Tenho uma reunião agora. Depois tento imprimir alguma apostila bem resumida, para não gastar muito papel.

- Crianças, almoço! Pedi marmitex na Cantina do Tico.

- Não pai, quiabo não. Eu odeio quiabo!

- Nem veio salada, acham que eu vou me entupir de arroz e macarrão? E a minha dieta.

Sexta-feira, 20 de Março de 2020.

- Não vai dar para ficar comprando comida, vocês estão achando que dinheiro dá em árvore.

- Vanessa, você está atoa! Pode muito bem cozinhar.

- Olha essa casa, que sujeira, brinquedo para todos os lados. E esse sapato, que merda é essa?

- É do papai o sapato, ele saiu e não queria entrar com o sapato sujo da rua, então deixou aí no cantinho.

- Ora, mas se não quer sujar a casa, entre e vá direto para a área de serviço e limpe o fundo do sapato. A preguiça está dominando o planeta agora? Acordam tarde, dormem tarde, comem qualquer hora, tudo na mão e eu aqui ralando.

- Vou terminar esse projeto hoje, porque já está atrasado. O pessoal agora quer as coisas padrão fast food, pediu - tá pronto.

- Amiga, me esqueci completamente de te ligar. Você tinha pedido, nem lembrei ontem, estava digitando um relatório e quando vi já era quase 2 da manhã.

- Tomei aquele banho e caí direto na cama. Mas, acordei cedo, para tentar colocar as coisas em dia. Estou ficando mais lenta, porque não consigo acompanhar essa moçada nova no mercado. Estão sempre disponíveis e eu aqui atolada até o pescoço. Não sei como conseguem? Será que é o planner semanal que ajuda? Vou experimentar, montar um agora, acho que até meia noite consigo ir dormir.

- Sinto inveja dessa gurizada, que consegue se organizar da meia noite às quatro. Quem dera... Mas, meus olhos são teimosos, não resistem a gravidade mais forte da noite, quando a Terra gira, minha energia muda de eixo e vai do positivo ao negativo, não tem como impedir.

Sábado, 21 de Março de 2020.

- Acho que vou preparar uma live para atrair clientes. Desde a interrupção das atividades presenciais os clientes não querem pagar pelos serviços, dizem que tem tudo na internet de graça.

- Não sei qual a receita de bolo ou o pó de pilipimpim que esse povo está usando, mas eu estou é fudida. Apenas.

- Vou aproveitar e adiantar alguns trabalhos, porque durante a semana está muita correria, tenho que dividir o notebook com meu marido e isso atrapalha muito. E agora, o cursinho da minha filha inventou de dar aulas online, como é que vou fazer. Não tem computador para esse povo todo não.

Domingo, 22 de Março de 2020.

- Faxinar a casa, porque o caos reinou nesta semana firme e presente. Podem ir dar um jeito na bagunça que fizeram. Não dá para ficar nessa casa assim.

- Amiga, esses meninos estão me deixando louca. Gritam. Brigam. Rodolfo dá crise de choro pedindo atenção. E chega a hora de comer, o que todos fazem? Vem perguntar cadê a comida? O que será que imaginam, que guardo no sutiã uma versão da bolsa do Papai Noel? Ou que vai brotar arroz e feijão para eles comerem se abrirem a porta da geladeira a cada 5 segundos?

- E você, como está? Só reclamo e nem te dou oportunidade de falar. Desabafa agora, pois não sei quando vou ter uma folguinha para colocar a fofoca em dia.

- Amor, você viu as postagens daquela vizinha? Só prato de comida gostoso, bolo confeitado, sobremesa... Que vontade!

- Ah, hoje vamos comer ma-car-rão, porque não tem nada na geladeira. Precisamos ir às compras, família reunida em casa está pior que ataque de gafanhoto, a comida desaparece numa velocidade inexplicável.

- Amor, às compras. Agora ou nunca. Ou teremos famintos lamuriantes esta tarde.

- Adianta? Pegar o ônibus de máscara, mas se reunir no ponto de parada todos sem máscara? Eu vou te contar amor, você está vendo isso? Que disparate! Ainda estão fazendo cara feia para mim. Será que não sabem que tenho crianças em casa. Ainda bem, que deixamos aqueles dois em casa trancados.

- Mi-se-ri-cór-dia! Mas olhe ali amor! Dez caixas de sabão em pó! Essa família só pode ser dona de uma lavanderia. O que está acontecendo, todos comprando fardos e caixas. Assim, não vão nem abrir depois de amanhã. Não haverá produtos para vender.

- É essa fila, cadê os funcionários? Mil caixas e deixa só esse lerdinho atendendo. Vamos ficar aqui é até de noite esperando ser atendido.

- E os idosos, encontro eles em todos os lugares e todos os horários, nem parece que estão de quarentena. Olha ali nossa vizinha, todo dia dá bom dia quando abro a janela. Na rua o dia inteirinho do céu! O quê que está passeando na rua, só um milagre do divino para explicar.

- Era só o que faltava, esse povo que paga com o cartão de crédito do banco que sai fora do ar o tempo todo. Por que não traz dinheiro nestas horas? Sabendo que se der problema, tem que devolver tudo e voltar de mãos vazias para casa. Vai entender?

Quarta-feira, 01 de Abril de 2020.

- Amor, desmarcaram todos os exames do mês de abril. E agora? O posto demora uma eternidade para ter uma data na agenda e ainda desmarcam. Estão dizendo que é para evitar aglomeração. Não seria mais fácil respeitar os horários de atendimento, só aglomera, porque marca às 8, mas atende às 12.

- Autoconhecimento está muito na moda, que tal pensar em algo assim, tem a Páscoa, Dia das Mães. Pensar isoladamente as pessoas ao invés do coletivo, talvez dê mais retorno. Tentar melhorar com alguma novidade, porque senão vamos fechar no vermelho, Antônio! O desespero logo nos alcançará.

- Rodolfo, você tomou banho?

- Sim.

- Aham, então seu cabelo está sequinho, por quê?

- Porque eu não queria lavar hoje.

- Ah, então essa mancha de caneta aqui no seu braço e esse pé sujo estão assim, porque você decidiu tomar banho na pia lavando a cara apenas?

- Não mãe, eu tomei banho em mim todinho.

- Aham. Meio minuto para você voltar para aquele chuveiro e tomar seu banho!

- Mãe?

- Late?

- Eu estou cansada.

- Cansada não sei de quê? Está em casa até hoje.

Sexta-feira, 17 de Abril de 2020.

- Estão dizendo que agora é obrigatório estar de máscara em todos os lugares. Será que isso vai funcionar aqui no bairro? Vi o pessoal caminhando normalmente, como se fosse outro dia qualquer. No centro, realmente, estão marcando bem este ponto. Polícia está até abordando. Que coisa medonha? Imagina? Polícia te prensando na parede para pôr um pedaço de tecido na cara.

- Sabe uma coisa que não entendo? Por que estão me proibindo de ir no posto? Queria ir na farmácia, está na hora de pegar o remédio do Rodolfo.

- Você viu que liberaram um auxílio emergencial? Quem diria, que as utopias de Facebook para a tecnologia ia virar plano de contingência do governo brasileiro.

- E aquelas passeatas pró-calamidade? Uma buzinação, carreatas de carros e alguns até aglomeraram na avenida. O que estão pensando?

- Vixe, que eu não aguento discutir política. Vamos é falar de trabalho. E essa história do seu chefe te dar férias amor? Não sei se fico feliz de não dividir o notebook ou se começo a digitar na calculadora.

- Acordei com uma dorzinha nas costas. Acho que dormi de mal

jeito esta noite.

- Vou começar a trabalhar, porque alguém precisa sustentar esta casa!

- Antônio, teve notícias do Marcos? Nessa correria com o trabalho, casa e família nem tive tempo de perguntar se conseguiu adaptar o trabalho dele nesse modo conectado. Tive que priorizar os possíveis clientes e nem pude dar atenção a conhecidos.

- Consigo imaginar o desespero na sua casa, sua sogra mora com vocês no apartamento. Não é?

- Quer ir no culto? Mas não pode. Grupo de risco quer ir se aglomerar. É cada piada que aparece.

- Meu marido está pensando em trazer a mãe dele do interior. Está receoso da mãe estar sozinha e achar que está só com uma gripezinha e não procurar ajuda. E tem a questão também, naquela cidade pequena, acho que nem posto de saúde tem, o que dirá HOSPITAL.

- O que vamos fazer essa semana para atrair pessoas? Fizemos live, oferecemos experiências gratuitas, sorteio, estou sem ideias e dinheiro que é bom, necas.

- Fui dar uma conferida ontem a noite para ver o que estão fazendo. Não tem mistério não, todos experimentando o amorismo. Vi uma pesquisa num site, que falou que a vida para algumas pessoas não mudou muito. Os gastos estão os mesmos e o consumo também. Onde estamos errando Antônio? O que não estamos enxergando? Será que já passamos da porta e nem percebemos?

Sexta-feira, 01 de Maio. Dia do Trabalhador.

- Amor, nem parece que é feriado. Nunca tenho feriado, pois sempre preparo o material de divulgação de datas comemorativas, mas tem tanto tempo que não tenho um feriado. Estou com saudade. Coisa estranha. Querer algo que já tenho.

- Devíamos ter feito aquela reforma ano passado. Esta casa é tão apertada. A Vanessa e o Rodolfo usam o mesmo quarto, uma quer estudar e o outro é só brincar.

- Nunca achei que iria odiar o meu precioso home office. Quero caminhar na rua!

- E esse cheiro, o vizinho improvisou uma oficina mecânica em casa e esse cheiro de tinta na minha janela. Estou ficando com dor de cabeça e dor nos olhos.

- Quem vai preparar o almoço hoje? Estou cansada. Quero ficar tranquila no período da tarde. Então agora pela manhã preciso manter o foco.

- Amor, será que vão querer demitir você depois deste período?

- Não sei. Acho tão estranho dar férias. Você bem podia estar trabalhando de máscara. Acho que essas férias é para justificar depois que não estão tendo demanda.

- Você fica aí todo tranquilo. Não faz nada para ganhar dinheiro. E as contas não ganharam férias não.

- Não entendo. Trabalho sem parar. O tempo está voando.

- Ah não, a internet está tão lenta. Adeus tarde de sol e água de coco. Prometo sonhar com você para não estressar com este notebook.

Sábado, 02 de Maio de 2020.

- Amiga, você viu a Jussara?

- Casa grande, escritório organizado, consegue trabalhar, enquanto as crianças brincam na área externa, empregada doméstica faz as refeições, consegue até fazer live praticando ioga. Acho incrível, ela responde as mensagens rapidinho.

O presente volume tem por base a constatação de que, desde a antiguidade (tal como comprovamos nos livros bíblicos de Samuel, que trata da praga que castigou os filisteus porque tomaram dos hebreus a Arca do Senhor; e a História da Guerra do Peloponeso, que descreve a peste de Atenas, ocorrida em 428 a.C., narrada por Tucídides; passando pela Idade Média, que legou um texto da envergadura do Decamerão, de Boccaccio; até o século XX, em que a obra de Albert Camus é referência em termos de metáforas para epidemias e opressões), a literatura tem exercido importantes funções sanitárias e cognitivas sobre toda sorte de dilemas impostos pelas situações de grandes calamidade, como essa em que ora vivemos. Ao longo da história, a literatura, mediante sua capacidade de ampliar as noções de realidade profunda, verdade e beleza tem sido potente lenitivo para as dores humanas.

ISBN 658606252-7

